



# **VIA SILVA**

## **PERCURSO CULTURAL JOSÉ ANTÔNIO DA SILVA SÃO JOSÉ DO RIO PRETO-SP**

**VINÍCIUS GARCIA SANCHES**

Orientador: Prof. Dr. Evandro Fiorin

Co-orientadora: Profa. Dra. Arlete Maria Francisco

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JÚLIO DE MESQUITA FILHO”  
FACULDADE DE CIÊNCIAS E TECNOLOGIA  
PRESIDENTE PRUDENTE

**VINÍCIUS GARCIA SANCHES**

Orientador: Prof. Dr. Evandro Fiorin

**VIA SILVA**

PERCURSO CULTURAL E MEDIATECA JOSÉ ANTÔNIO DA SILVA  
SÃO JOSÉ DO RIO PRETO – SP

Presidente Prudente  
2012

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JÚLIO DE MESQUITA FILHO”  
FACULDADE DE CIÊNCIAS E TECNOLOGIA  
PRESIDENTE PRUDENTE

**VINÍCIUS GARCIA SANCHES**

Orientador: Prof. Dr. Evandro Fiorin

**VIA SILVA**

PERCURSO CULTURAL E MEDIATECA JOSÉ ANTÔNIO DA SILVA  
SÃO JOSÉ DO RIO PRETO - SP

Monografia e Projeto do Trabalho Final de Graduação apresentado ao curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” para a obtenção do grau de Arquiteto e Urbanista.

Presidente Prudente  
2012

## **AGRADECIMENTOS**

Primeiramente, gostaria de dedicar este trabalho a minha mãe, Maria, que sempre me apoiou e me orientou a tomar as melhores decisões. Às minhas irmãs Vânia e Vanessa, e a toda a minha família, em especial ao meu pai, que infelizmente não se encontra mais presente entre nós, mas tenho certeza que onde estiver sentirá orgulho por eu ter chegado até aqui.

Aos meus avós João e Conceição, pelo apoio incondicional desde sempre.

Aos meus amigos Adriano, Bruna, Carlos, Julia, Juliana, Cristiane, Ana Lídia, Flávia, Karen e Thaís, por terem compartilhado comigo os melhores anos da minha vida, durante a graduação.

E ao meu orientador Prof. Dr. Evandro Fiorin, por ter contribuído de maneira de direta na minha formação e se dedicado a concretizar esse trabalho da melhor maneira possível.

## RESUMO

Com base nos estudos das obras pictóricas e literárias do artista José Antônio da Silva, bem como de alguns lugares que marcaram sua história na cidade de São José do Rio Preto, foram identificados alguns pontos importantes que nos ajudam a compreender melhor a representatividade da figura desse artista para a cidade, principalmente em uma época de importantes mudanças socioeconômicas, no que diz respeito à modernidade “imposta” a partir da década de 1950.

Os principais pontos identificados se concentram ao longo de um eixo, denominado no trabalho como *Via Silva*. A proposta do trabalho é conectar esses pontos, por meio de um percurso cultural urbano, transformando-os em paradas.

O objetivo desse percurso, além de exibir a produção artística de José Antônio da Silva, é fazer ver, por meio da conexão física e simbólica entre esses pontos, a memória dos elementos formadores da cultura local, que por muito tempo e até hoje insistem em ser apagados ou esquecidos pela sociedade riopretense. Ou seja, é construir uma memória em movimento através de um percurso com paradas em lugares que dialogam com a pintura de Silva e com sua marcante passagem pela cidade - principalmente em uma época em que a cultura caipira se manifestava de maneira mais forte.

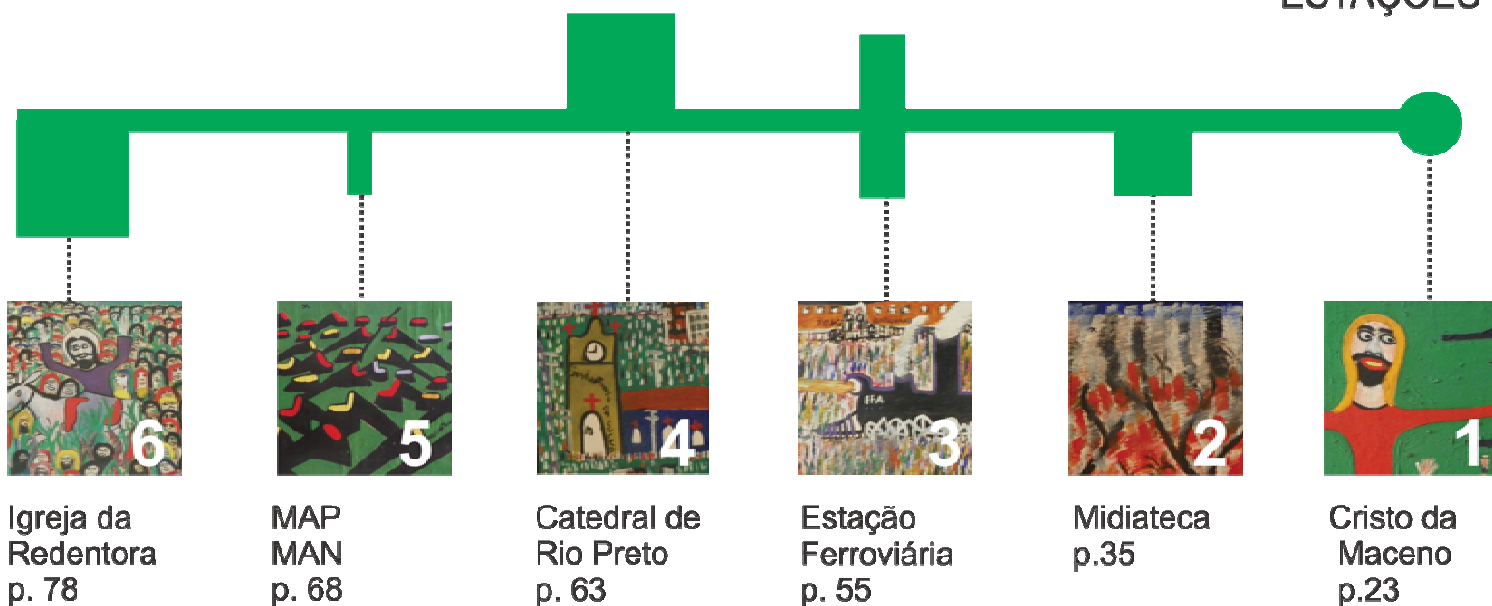
Dentro desse percurso é proposto, além de intervenções e/ou diretrizes para cada ponto, o projeto da MEDIATECA José Antônio da Silva.

Palavras Chave: Percurso Cultural, José Antônio da Silva, MEDIATECA.

# Sumário

INTRODUÇÃO.....	1
JOSÉ ANTÔNIO DA SILVA - O 'SIRVA' .....	4
SILVA E A EXPRESSÃO DA CULTURA CAIPIRA.....	6
SÃO JOSÉ DO RIO PRETO.....	10
VIA SILVA.....	16

## ESTAÇÕES



REFERÊNCIAS.....	84
------------------	----

## INTRODUÇÃO

A cidade de São José do Rio Preto está marcada pelo seu rápido crescimento e desenvolvimento, ocorridos principalmente após a década de 1950, período marcado por grandes transformações socioeconômicas. Tal crescimento, na medida em que veio acompanhado pelo progresso e modernização da cidade, negava as características do modo de vida e da cultura local.

Foi nesse cenário de grandes mudanças na cidade que se revelou o artista primitivista José Antônio da Silva. Nascido na cidade de Sales de Oliveira, mudou-se para São José do Rio Preto na década de 1930, onde foi descoberto por críticos vindos de São Paulo, para julgar os trabalhos enviados à exposição de inauguração da Casa de Cultura de Rio Preto, dentre os quais, três pedaços de flanela pintados à óleo por Silva.

Contrariando tudo e a todos, na posição de ex-lavrador da terra morando na cidade, o artista produziu uma pintura que tinha como tema principal a cultura ruralista, revelando o que o progresso modernizador queria esconder: as bases da formação da cultura local, a cultura caipira.

Dessa forma, no sentido de compreender o artista e sua obra a partir da relação com a cidade e as transformações de sua época, foram identificados alguns lugares que dialogam com sua vida e obra, principalmente no período de sua marcante passagem pela cidade. Concentrados ao longo de um eixo, denominado no trabalho

como *Via Silva*<sup>1</sup> a proposta é conectar esses lugares por meio da criação de um percurso cultural urbano.

Partindo da proposta deste percurso, composto por seis paradas, este trabalho se estrutura através da análise de cada um desses lugares, sempre relacionando-os ao contexto histórico da cidade e à obra de Silva.

Em uma das paradas do percurso é proposto o projeto da Miateca José Antônio da Silva, que tem por objetivo reunir em seu acervo materiais relacionados à cultura caipira, integrando em seu programa a exposição permanente da coleção “História de São José do Rio Preto”, pintada por Silva entre os anos de 1966 e 1971.

---

<sup>1</sup>O nome *Via Silva* faz referência à passagem bíblica do trajeto percorrido por Jesus em sua *Via Crucis* (do latim *Via Crucis*, "caminho da cruz"), no qual vai do Petrório ao Calvário. Tal trajeto é simulado até hoje pelos fiéis da Igreja Católica que percorrem simbolicamente o caminho feito por Jesus desde sua condenação, na 1<sup>o</sup> Estação, até seu enterro, na 14<sup>o</sup> Estação.



Figura 1: Auto retrato. (1972, óleo sobre tela, 70x50cm)  
Fonte: Escritório de Arte, 2012.



## JOSÉ ANTÔNIO DA SILVA – O “SIRVA”

*“não admito que me chamem de primitivo, caipira ou ingênuo. Tem que me chamar de gênio. Já provei que sou”. “Há anos me chamam de gênio. Apenas endosso. Não tenho complexo de inferioridade”<sup>2</sup>*

José Antônio da Silva, conhecido como “Sirva”, tem expresso em sua obra o reflexo de sua própria vida, bem como de sua personalidade e suas crenças. Viveu boa parte de sua vida na roça, o que comparece como pano de fundo de sua obra, carregada de um senso crítico e humorístico.

Nascido em 1909 na cidade de Sales de Oliveira - SP, conforme consta em seu livro *Romance de minha vida* (1949), mudou-se para São José do Rio Preto na década de 1930, onde viveu a maior parte

---

<sup>2</sup>Fonte: Pintura brasileira, 2012.

Figura 2: José Antônio da Silva  
Fonte: Pintura brasileira, 2012.

de sua vida. Foi descoberto em 1946 por críticos vindos da capital para julgar a exposição de inauguração do Salão da Casa de Cultura de Rio Preto na qual, contrariando a todos, comprou “dois metros de pano de flanela” e enviou, à exposição, “três lindos quadros a óleo” (SILVA, 1949, p 228).

A partir de então, passou a ter sua pintura reconhecida e hoje é considerado o maior artista naïf do país, com quadros expostos em galerias e museus nacionais e internacionais. Produziu ao longo de sua vida uma extensa obra que compreende quadros, livros, discos e esculturas.

Fundou o Museu Municipal de Arte Contemporânea de São José do Rio Preto no ano de 1966 em uma sala da Biblioteca Municipal onde, anteriormente, havia ocupado o cargo de faxineiro e atendente. Até então, exibia sua obra para artistas e intelectuais em sua casa, na Vila Maceno.

Sempre foi hostilizado no meio em que viveu. No campo, devido à manifestação artística presente em sua vida desde a infância, era desprezado e ridicularizado, ao que respondia: “deixe eu quieto, não me contrarie, que algum dia quero ter meu nome no “O Estado de São Paulo”” (SILVA, 1949, 226). No meio urbano, particularmente em São José do Rio Preto, o desprezo se dava devido ao seu jeito caipira, que fazia questão de escancarar em sua obra.

A falta de apoio oficial ao seu Museu, somado aos conflitos familiares, o levou a estabelecer-se na cidade São Paulo, no início da década de 1970, onde continuou a pintar e a escrever até falecer em 1996.



Figura 3: Retrato de meu pai. (1976, óleo sobre tela, 80x150, MAP). Foto: Autor, 2012.

## SILVA E A EXPRESSÃO DA CULTURA CAIPIRA

O contexto socioeconômico no qual surgiu a figura do artista José Antônio da Silva está inserido em um importante momento de mudanças na sociedade brasileira, principalmente no que diz respeito à transformação de uma sociedade rural para a urbana, experimentada de maneira rápida e intensa pela cidade de São José do Rio Preto – SP, a partir da década de 1950.

O artista, mesmo não habitando mais o meio no qual se formou a cultura que tanto se orgulhava, saudosista de suas raízes<sup>3</sup>, insistia em produzir uma obra que tem como pano de fundo a paisagem agrária, fruto da memória e imagem visual da vida humilde que teve na roça antes de se mudar para cidade.

---

<sup>3</sup>Candido (1964) utiliza o termo “saudosismo transfigurador” para explicar a valorização do passado pelo caipira quando o mesmo insiste em comparar “as atuais condições de vida com as antigas; as modernas relações humanas com as do passado” (CANDIDO, 1964, p.155).

A imagem rústica do homem do campo personificada no artista e expressa em sua obra, era vista de maneira preconceituosa pela sociedade, que enxergava nessa expressão caipira o símbolo do atraso, explicitada pelos hábitos simples que o mesmo carregava consigo, somado à ausência de uma educação formal.

Vivendo [...] num lugarejo tido como o “fundo do sertão”, onde o provincianismo conservador das classes dominantes ainda costumava exaltar como válido esteticamente o Kitsch e a expressão *européizada*, José Antônio da Silva nunca arredou pés da convicção e defesa de uma postura vital e artística que se aproximasse da “iconicidade do caipirismo” e, depois, de uma (a sua) “Arte Nacional”. (SANT’ANNA, 1993, p.230)

Em uma época em que Silva ganhava projeção por produzir uma obra em que expressava as raízes da cultura do homem advindo do campo, em São José do Rio Preto enfrentava um clima de hostilidade, principalmente por uma parcela da sociedade que, em um cenário de grandes transformações urbanas, almejava construir uma imagem modernizada da cidade e apagar os traços da cultura caipira do seu cotidiano.

Contraditoriamente, conforme Francisco (2007), o único moderno em meio a esse contexto era o próprio caipira, tendo em vista que os ideais do movimento moderno brasileiro, principalmente os difundidos na semana de 1922, tinham no olhar para as tradições e culturas locais um aporte para a construção de uma nova

identidade brasileira.

Essa visão distorcida do caipira, predominante até os dias atuais, foi amplamente difundida pelo estereótipo do personagem Jeca Tatu, criado por Monteiro Lobato que, segundo Oliveira (2003), retrata o caipira como um ser preguiçoso, sem ambições e que não se adapta facilmente ao novo modo de vida tipicamente urbano, tendo em vista que a natureza e seus recursos ofereciam tudo o que o caboclo necessitava para sobreviver, sem precisar enfrentar as hostilidades do meio ambiente, tal como descreve abaixo:

Seu grande cuidado é espremer todas as consequências da lei do menor esforço [...] Da terra só quer a mandioca, o milho e a cana. A primeira, por ser um pão já amassado pela natureza. Basta arrancar uma raiz e deitá-la nas brasas. Não impõe colheita, nem exige celeiro. O plantio se faz com um palmo de rama fincada em qualquer chão. Não pede cuidados. Não a ataca a formiga. A mandioca é sem-vergonha. (LOBATO, 1914, p. 94)

Influenciado pelas reformas sanitárias do início do século XX, Lobato chega a apontar como causa dessa condição de “inferioridade” do caipira frente à modernidade, uma patologia, que deveria ser curada. A fragilidade dessa visão de Lobato, entretanto, é criticada por Ribeiro (1995), o qual atribui a esse caráter de marginalização<sup>4</sup> do

---

<sup>4</sup> Essa condição de marginalização do ser caipira está presente desde a constituição de sua cultura que, de acordo com Ribeiro (1995), tem as origens no processo de colonização brasileira com os bandeirantes, compostos por mamelucos, povos mestiços de brancos e índios, que tinham como característica o modo de ocupação transitório do território, tendo em vista que sua sobrevivência estava condicionada aos desbravamentos em direção ao interior do estado de São Paulo na busca de mão de obra escrava indígena, e posteriormente de riquezas minerais, com a descoberta de ouro na região de Minas Gerais.

caipira um grave problema social relacionado ao contexto socioeconômico brasileiro dos últimos séculos.

As páginas de Monteiro Lobato que revelaram às camadas cultas do país a figura do Jeca Tatu, apesar de sua riqueza de observações, divulgam uma imagem verdadeira do caipira dentro de uma interpretação falsa. [...] O que Lobato não viu, então, foi o traumatismo cultural em que vivia o caipira, marginalizado pelo despojo de suas terras, resistente ao engajamento no colonato e ao abandono compulsório de seu modo tradicional de vida. (RIBEIRO, 1995, p. 389)

Silva buscou mostrar em sua obra aquilo que a sociedade de sua época não podia enxergar. Sem decepcionar o autêntico caipira, foi além do que o estereótipo do Jeca Tatu revelava à elite, ao retratar o caipira, não apenas avesso à modernidade, mas sim frente a uma modernidade que ameaçava destruir o meio cultural de onde proveio. Retratou o caipira não apenas como o estereótipo do homem do campo, mas também como integrante e formador de uma identidade nacional, fazendo de sua obra “o prolongamento e a mediatização de um modo de ser coletivo” (SANT’ANNA, 1993).

## SÃO JOSÉ DO RIO PRETO

O município de São José do Rio Preto, Sede da 8ª Região Administrativa do Estado, está localizado na porção noroeste do estado de São Paulo. Fundado em 19 de março de 1852, sua ocupação inicial se deu entre os córregos Borá e Canela, próximo ao Rio Preto.

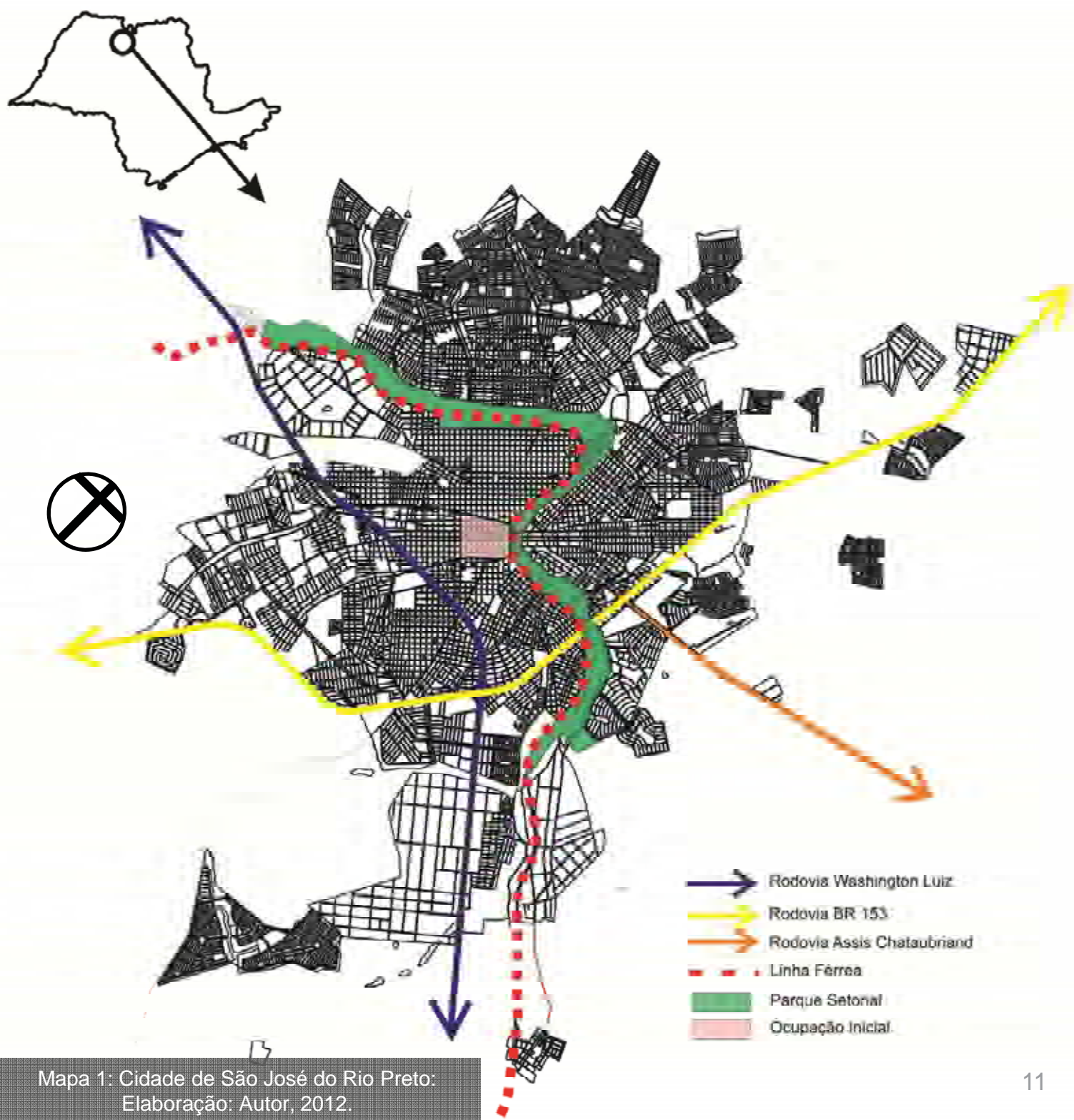
A cidade desponta como um dos principais polos culturais, industriais e de serviços do interior do estado de São Paulo, destacando-se, como aponta Azevedo (2004), na prestação de serviços, com importantes centros comerciais que atende toda a região. Sua população, de acordo com dados do IBGE (CENSO 2010), estima-se em 408.000 habitantes e é considerada a décima maior cidade do estado de São Paulo.

É cortada pelas rodovias Wahington Luiz (SP 310), ligando a cidade à capital e ao porto de Santos; Assis Chateaubriand, que liga a cidade ao sul de Minas; a Transbrasiliana (BR 153), que atravessa o país de norte a sul, além da ferrovia Ferroban, que auxilia o escoamento da produção (Figura 3).

A localização da ferrovia margeando as várzeas do Rio Preto e do córrego Piedade configurou uma importante área verde na cidade, que se estende por cerca de 17 quilômetros, rasgando o tecido urbano. Na década de 1970, essa área recebeu o projeto do Parque Setorial, pelos arquitetos paisagistas Mirthes I. Soares Baffi e Jamil José Kfoury<sup>5</sup>, no qual previa além da proteção das várzeas dos afluentes, sua

---

<sup>5</sup>KFOURI, Jamil José. **Parque de Fundo de vale de São José do Rio Preto-SP**. Monografia (especialização em paisagismo) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1980.



Mapa 1: Cidade de São José do Rio Preto:  
Elaboração: Autor, 2012.

destinação para recreação e prática de esportes.

No entanto, pouco de sua proposta original foi executada, gerando, em muitos pontos, áreas subutilizadas devido a não conclusão do projeto. Mesmo não concluído, pode ser considerado como a principal área de recreação da cidade, além de se configurar como um eixo cultural da mesma, na medida em que, no trecho executado, se concentra parte dos equipamentos culturais.

O desenvolvimento da cidade, segundo Teodósio (2008), está relacionado à chegada da Estrada de Ferro Araraquarense (EFA) em 1912, na qual deveria ligar São Paulo a Cuiabá – MT. Entretanto, a paralisação da ferrovia na cidade por cerca de duas décadas contribuiu para transformá-la em “ponto terminal do transporte ferroviário que escoava a produção agrícola deste e de outros municípios vizinhos, dando início ao processo de expansão urbana e à transformação da cidade em sede de sua região” (TEODÓZIO, 2008, p. 16).

A chegada da linha férrea, segundo Azevedo (2004), impulsionou a economia da cidade a partir do desenvolvimento da agricultura e pecuária, estimulando o fluxo comercial entre a região e a capital, o que proporcionou o desenvolvimento econômico e social da mesma, ocorrido de maneira extremamente acelerada, tendo em vista que em “1940, quando as taxas de expansão da população rio-pretense eram superiores às do Estado de São Paulo, a cidade já era o centro de convergência de uma rede urbana bem estruturada” (AZEVEDO, 2004, p. 34).

Na década de 1950 a cidade enfrentava inúmeros problemas urbanos decorrentes do crescimento acelerado e desordenado nas últimas décadas, o que levou

à elaboração do primeiro plano urbanístico realizado em 1956 pelo engenheiro Heitor José Eiras Garcia durante o mandato do prefeito Alberto Andaló<sup>6</sup>. O Plano Geral de Urbanização incluía um anteprojeto para o sistema viário e a primeira Lei de Zoneamento da cidade (Figura 4).

Nesse período, foram realizadas as principais transformações urbanísticas do município, como a remodelação do centro, a reconfiguração do sistema viário, canalização de córregos e a urbanização da represa<sup>7</sup>, configurando um espaço urbano muito próximo do que existe atualmente. Tais transformações tiveram, como aponta Francisco (2007), além de um caráter técnico e sanitário, também simbólico, tendo em vista que, ao incorporar o modelo de vida urbana da metrópole, promovia-se uma imagem modernizada da cidade, em um impulso de se eliminar as características de cidade caipira interiorana.

O empreendimento da cidade moderna “não ocorreria isenta de contradições e disparidades, revelando-se excludente, desde o princípio” (FANCISCO, 2007); promoveu a especulação imobiliária na região central e a expulsão da população carente para a periferia, que se estabelecia em loteamentos ilegais. Na nova cidade que se formava, a implantação da infraestrutura urbana possibilitou a superação das principais barreiras existentes, como a transposição dos córregos Borá e Canela, e ao

---

<sup>6</sup>“Assim que assumiu o poder, em 1956, [O Prefeito Alberto Andaló] solicitou ao Prefeito de São Paulo, Lino de Mattos, dois profissionais especializados do quadro da Prefeitura paulistana: um da área de saneamento básico e outro da área de urbanismo, a fim de virem à cidade estudar uma solução para os principais problemas identificados. Atendendo à solicitação feita, chegaram à cidade, os engenheiros Newton Cerqueira e Silva e Heitor José Eiras Garcia” (FANCISCO, 2007, p.33).

<sup>7</sup>Teodózio,2008.

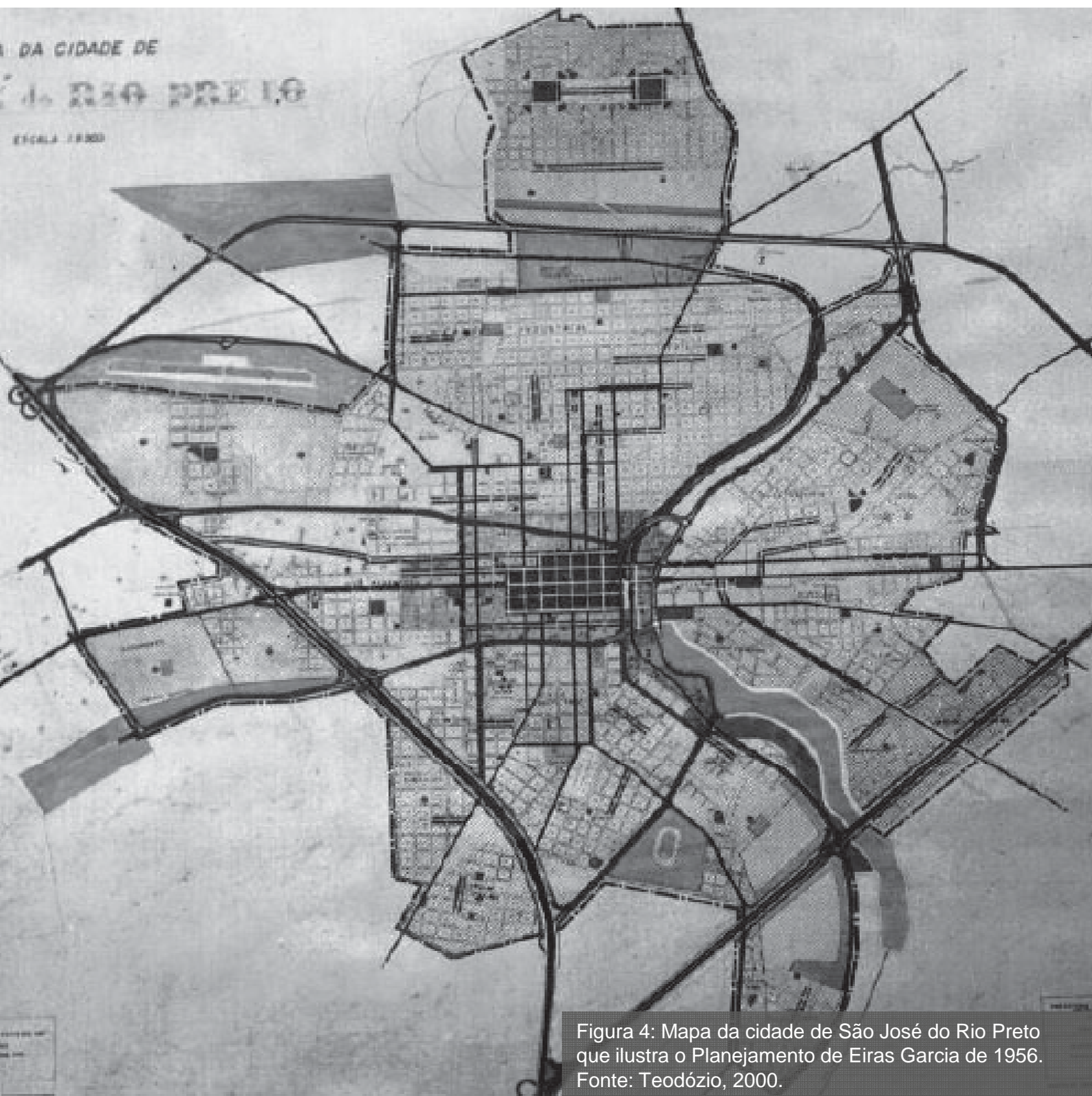


Figura 4: Mapa da cidade de São José do Rio Preto que ilustra o Planejamento de Eiras Garcia de 1956. Fonte: Teodózio, 2000.

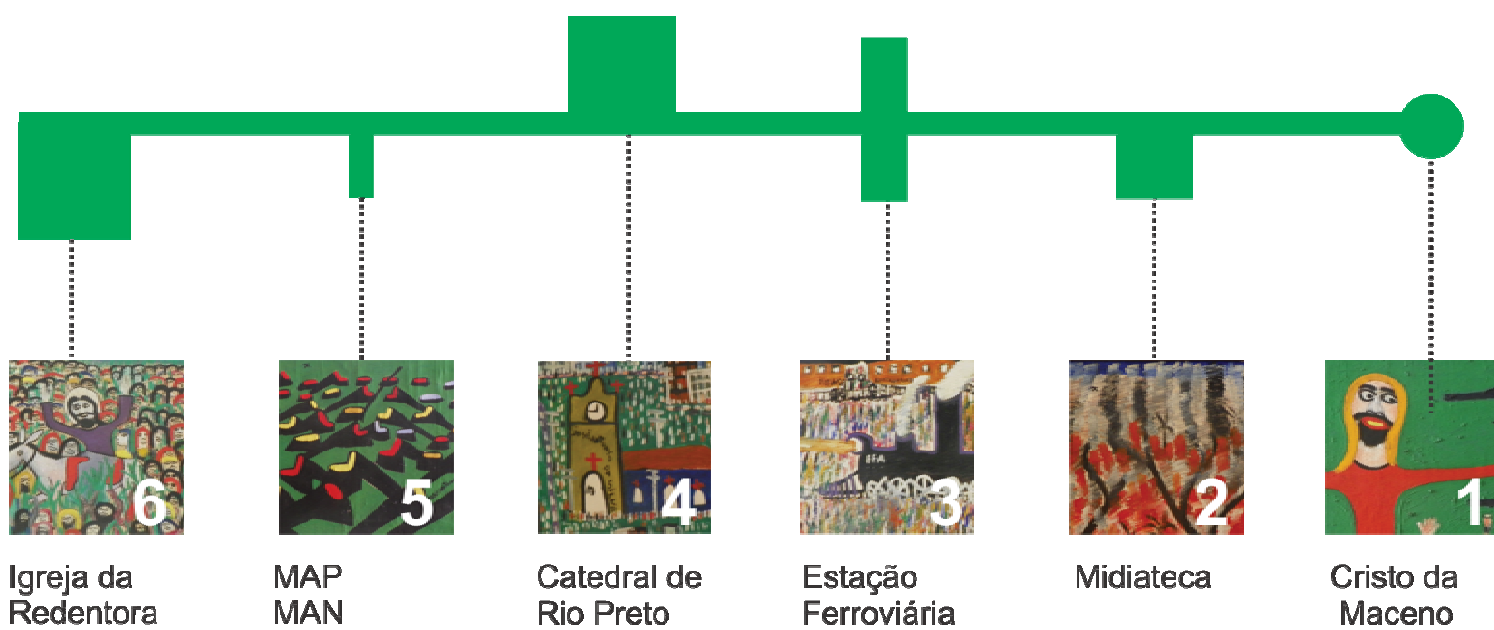
excluir os menos favorecidos do processo de modernização, promoveu nas décadas seguintes um espraiamento urbano e uma segregação socioespacial na cidade.

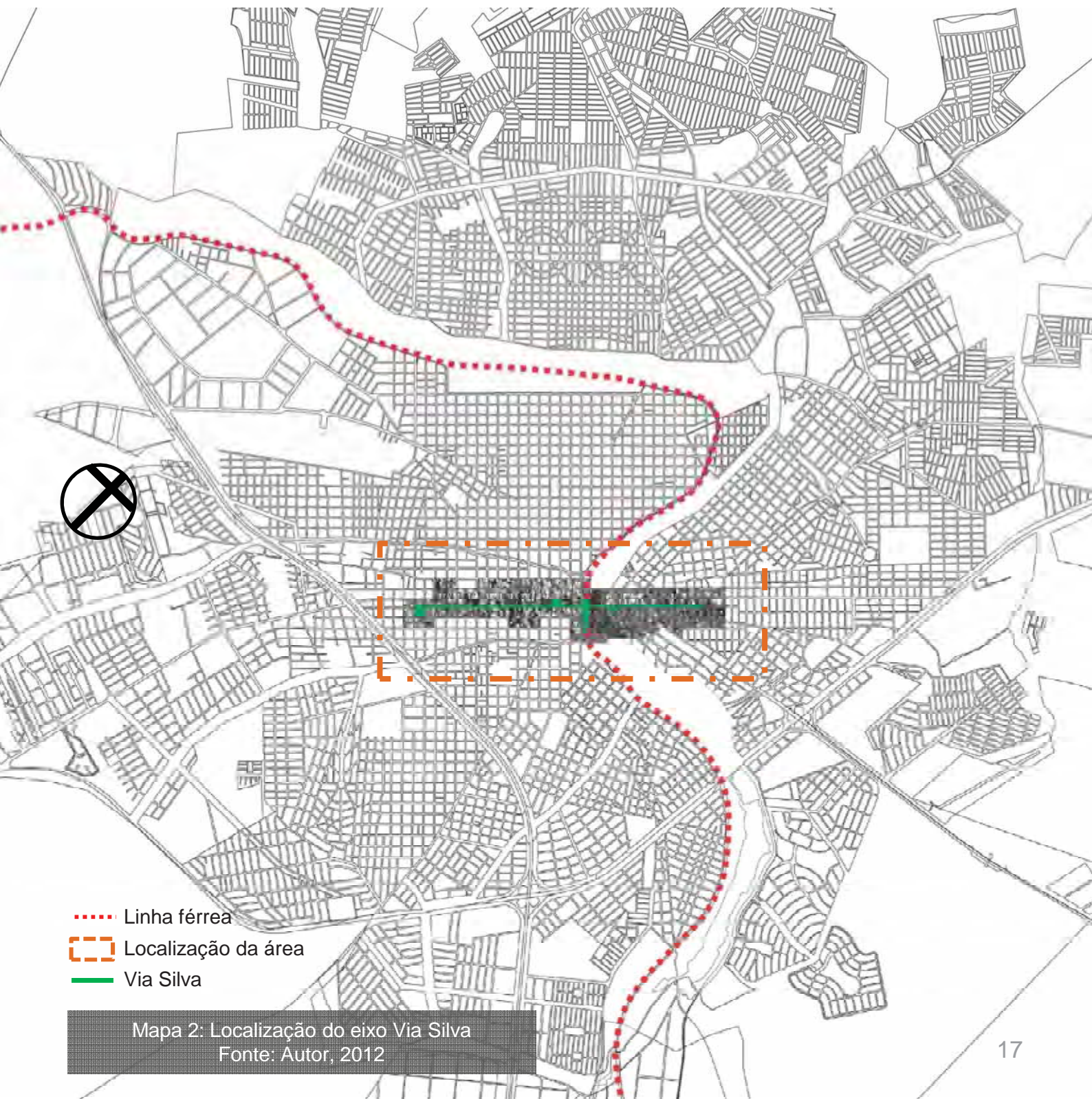
Tal segregação passou a se configurar no espaço urbano de São José do Rio Preto de acordo com os rumos definidos pelo capital imobiliário, na medida em que produzia a bipartição da cidade em dois polos opostos de desenvolvimento, norte e sul, divididos pela linha férrea.

As década de 60 e 70 apresentaram-se, portanto, como uma nova etapa na organização físico espacial da cidade que poderia ser entendida como a forma que se configura até hoje. Nesse momento, o lugar de cada um já estava definido e as décadas que se seguiriam vão apenas tornar mais evidentes e fortalecidos os processos em curso: a expansão da verticalização na área central e o seu contraponto: a cidade ilegal dos excluídos. (FRANCISCO, 2007, p.87).

A zona sul, recebe os maiores investimentos públicos e privados, onde se localiza os grandes empreendimentos imobiliários, como shoppings e condomínios fechados; enquanto a zona norte, por sua vez, tem seu desenvolvimento estabelecido especialmente por grandes loteamentos populares.

# VIA SILVA







- †1 **Estação 1:** Cristo da Maceno
- †2 **Estação 2:** Midiateca José Antônio da Silva
- †3 **Estação 3:** Estação Ferroviária
- †4 **Estação 4:** Catedral
- †5 **Estação 5:** Museu de Arte Primitivista | Museu de Arte Naïf
- †6 **Estação 6:** Igreja da Retentora

**Estação 1:** Ponto inicial do percurso, o Cristo da Maceno, está localizado na Vila Maceno, onde Silva viveu a maior parte da sua vida, e que até hoje guardam resquícios da cidade anterior ao seu processo de modernização empreendido após a década de 1950.

**Estação 2:** Na segunda parada, ainda na Vila Maceno, será a “Midiateca José Antônio da Silva”, que servirá como um pólo difusor da cultura caipira na cidade, oferecendo um programa múltiplo, como biblioteca, midiateca e galerias de exposição.

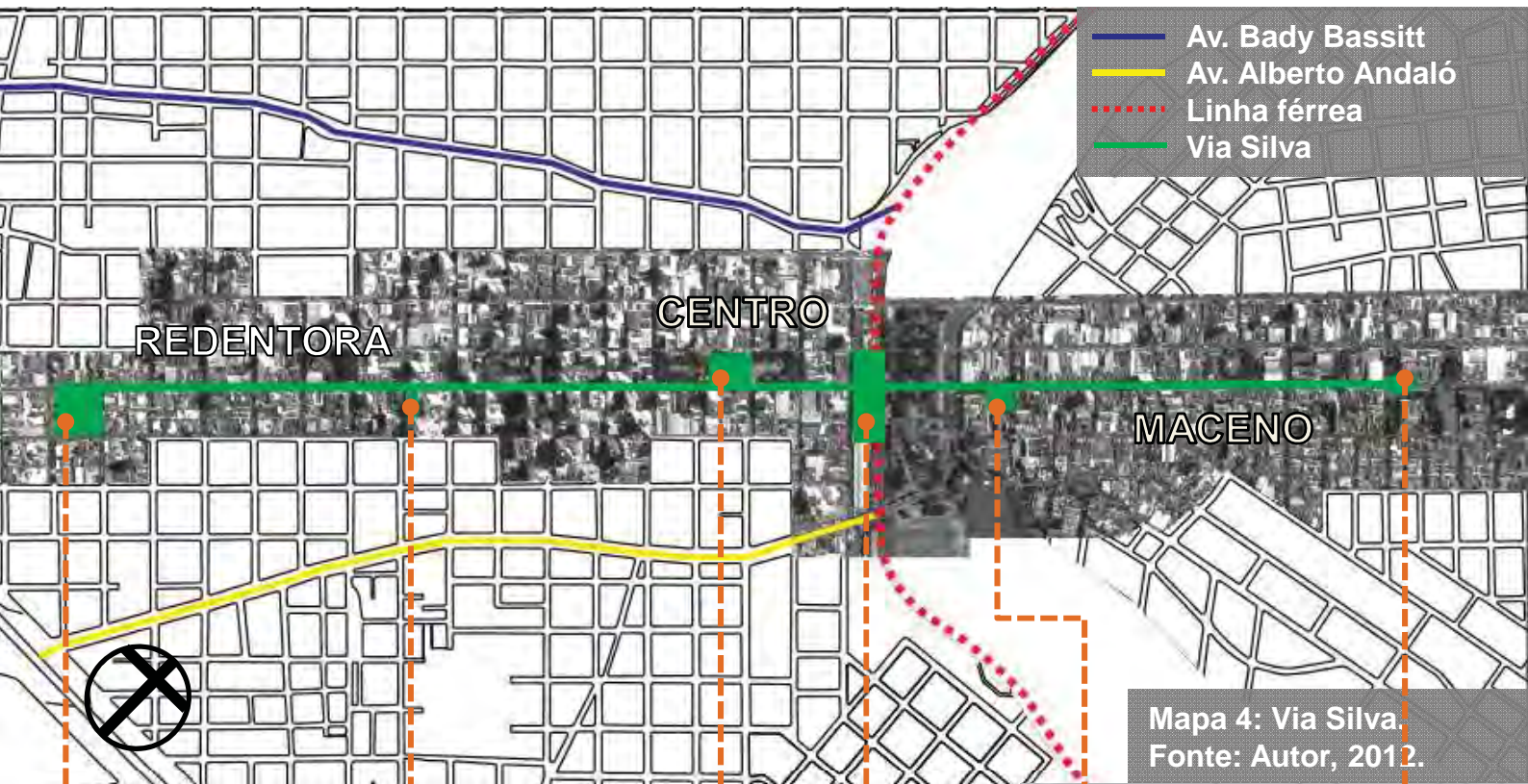
**Estação 3:** Estação Ferroviária. A escolha do ponto se deu, além da importância histórica da linha férrea para a cidade, também devido ao projeto cultural “Trem Caipira”, implantado em 2008, porém paralisado no mesmo ano. Além da Estação Ferroviária, é proposto a visita à Pinacoteca Municipal, localizada na Praça Cívica, em frente à Estação. O local abriga exposições de artistas locais, e funciona no mesmo andar onde antes era o MAP.

**Estação 4:** Neste parada está localizada a Catedral de Rio Preto. Esse ponto é considerado o coração da cidade. Retratada por Silva em Catedral de Rio Preto (1967, óleo sobre tela, 100 x 60 cm, MAP), demarca as transformações na área central da cidade após a década de 1950.

**Estação 5:** Temos neste ponto o Museu de Arte Naïf (MAN) e o Museu de Arte Primitivista José Antônio da Silva (MAP), localizados no prédio onde funcionou a antiga Biblioteca Municipal, na qual Silva trabalhou como funcionário. Em uma das salas do

prédio o artista instalou seu Museu Municipal de Arte Contemporânea, que funcionou até o final da década de 1970, e pintou sobre o reboco das paredes 15 murais, presentes no local até hoje.

**Estação 6:** Como ponto final do percurso, temos a Igreja da Redentora. Na Capela do Santíssimo, do Santuário do Sagrado Coração, localizado no bairro que deu apelido da igreja, está exposta série religiosa composta por 18 telas, pintada pelo artista no ano de 1969, representando a via-sacra.





## O percurso

Devido à extensão do percurso (cerca de 3,5km), é proposto um circuito possível de ser percorrido por meio automotivo, pensado de acordo com o sentido e a direção das vias ao longo do caminho.

Visto isso, será proposto como diretriz um ônibus cultural, que terá como ponto de partida a Estação 1: O Cristo da Maceno, com paradas nos demais pontos até chegar a Estação final: a Igreja da Redentora. Cada parada irá conter um ponto de ônibus que irá demarcar a Estação.

Apesar da proposta de um ônibus cultural que conectará as Estações do percurso no sentido Cristo → Redentora, a ideia também é que os pontos do percurso possam ser visitados aleatoriamente, para que o visitante possa programar seu próprio roteiro.

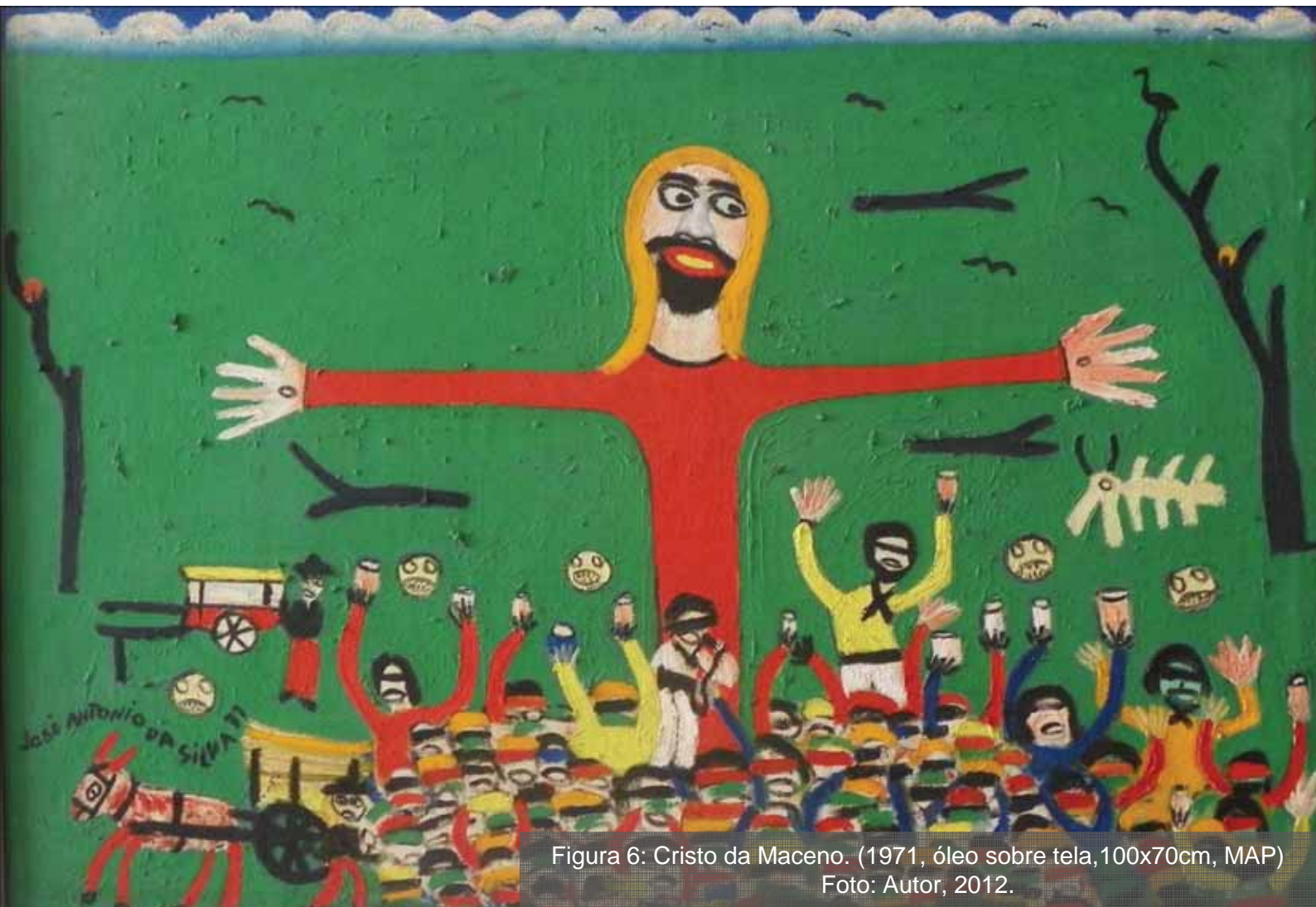


Figura 6: Cristo da Maceno. (1971, óleo sobre tela, 100x70cm, MAP)  
Foto: Autor, 2012.

1

# † ESTAÇÃO 1: CRISTO DA MACENO



Figura 7: Cristo redentor de São José do Preto.  
Foto: Autor, 2012

A estátua do Cristo rio-pretense é uma réplica do Cristo Redentor do Rio do Janeiro e foi uma das primeiras construídas no país. Com cerca de 15 metros de altura e inaugurada no dia 24 de dezembro de 1957 pelo então prefeito Alberto Andaló, foi instalada em um dos pontos mais altos do perímetro urbano da época, na Vila Maceno<sup>8</sup>.

---

<sup>8</sup>Fonte: CORREA, 2007.

Temos aqui o ponto de partida para a análise do percurso: o Cristo da Maceno. Esse ponto é fundamental para começarmos a compreender o início das mudanças empreendidas durante a década de 1950 em uma cidade que queria a todo custo se modernizar. Tal modernização era almejada principalmente pela elite que, segundo Francisco (2008) a via como símbolo de progresso e tinha como pretensão “se livrar do estigma caipira que a assombrava” (FRANCISCO, p. 82).

A instalação da estátua não tinha apenas o objetivo simbólico de proteger a cidade, no sentido de acolher a todos com seus braços abertos. Sua construção se deu em uma época de grandes transformações urbanas empreendidas durante período de governo do prefeito Alberto Andaló, e teve como principal meta promover a cidade para o resto do Estado<sup>9</sup>.

A tela O Cristo da Maceno (1971, óleo sobre tela, 100 x 70 cm, série “História de São José do Rio Preto”, MAP), de acordo com Sant’anna (1993), narra a história de um episódio ocorrido no ano 1971, quando a estátua, devido a infiltrações causadas por um período longo de chuvas, começa a “merejar pingos”, o que causa a comoção de fiéis, principalmente após ser divulgado por um radialista, representado no centro da tela, “que as gotas que espigavam de Cristo eram milagrosas” (SANT’ANNA, 2003, p. 153). Atento a esse fato, Silva pinta uma tela extremamente crítica, na qual evidencia a ignorância das pessoas perante tal episódio<sup>10</sup>.

---

<sup>9</sup>Conforme consta no Álbum ilustrado do município da época, o subtítulo da obra era “propaganda regional do Estado de São Paulo: Zona Araraquarense, assumindo um caráter de representatividade da cidade para o resto do Estado”. (CORREA,2007).

<sup>10</sup>Tal ignorância é representada pela tarja negra colocada nos olhos das pessoas, simbolizando a cegueira perante a enganação promovida pelo radialista.

Como aponta Sant'anna (1993), a primeira característica que se nota na tela é a evidente liberdade no tratamento do tema, tendo em vista que o Cristo, agora representado não mais na cor branca, mas de vermelho, encontra-se deslocado do contexto urbano. A paisagem de fundo não é mais a Vila Maceno, mas sim uma paisagem rural, simulada pela forte cor verde, com apenas alguns galhos secos, negros como carvão, somados ao esqueleto de um boi sobrevoado por urbus, denotando assim a desolação do campo destruído pela atividade humana em função do avanço da modernidade.

Silva, quando pinta O Cristo da Maceno, parece enxergar as contradições desse “empreendimento” que se utilizou do simbolismo religioso para convencer a sociedade, representada figurativamente como ignorante, de que o progresso modernizador era o ideal para a cidade e para a sociedade.

A cena se estrutura, conforme Sant'anna (1993), em um enquadramento do “mais elementar possível”, com a figura de um Cristo representado pelo “corpo rígido como se fosse um crucifixo”, dividindo a tela em quatro quadrantes. O que a princípio poderia denotar um estaticismo à cena, é recompensado por outros elementos picturais, principalmente no que diz respeito à combinação de cores fortes, que aderem à cena uma noção de movimento.

Nota-se também a noção de movimento em relação à oposição entre os eixos inferior e superior da tela, como se o eixo inferior, representado de forma negativa pela crítica social retratada, avançasse sobre o campo, no eixo superior. É possível,

também, extrair dessa noção de movimento uma crítica ao período de modernização; é como se a cidade, então representada no quadrante inferior pela multidão ignorante, avançasse sobre o campo, destruindo a natureza e apagando elementos formadores da cultura do homem advindo do campo, o caipira.

Como observado por Sant'anna (1993), apesar de proferir em inúmeras entrevistas e manifestações de seu pensamento que seu interesse se resumia à natureza e a vida no campo, Silva captava em suas telas o cotidiano do meio urbano em que vivia - na posição do caipira resistindo às transformações impostas pela predominância da cultura urbana sobre a cultura do campo.

De acordo com Candido (1964), a cultura da cidade opera como dominante frente às variedades culturais rústicas<sup>11</sup>, impondo suas técnicas, padrões e valores. Dessa forma, muito dos hábitos da cultura caipira trazidos “do campo para a cidade foram aos poucos se perdendo com o processo de urbanização e, no momento de modernização, foram praticamente aniquiladas” (FRANCISO, 2007, p. 82).

Já não era mais possível então, para o caipira, manter os modos de vida rústicos no contexto urbano, tendo em vista que o processo de urbanização já influenciava até mesmo a própria vida no campo. As condições da vida do campo “historicamente estabelecidas”, passaram a ter como referência “a comparação com os níveis, normas e padrões definidos pela vida urbana” (CANDIDO, 1964, p.173).

No entanto, como aponta Candido (1962) a predominância do modo de vida

---

<sup>11</sup>Antônio Cândido (1964) utiliza o conceito de “culturas rústicas” para definir o meio social e cultural do homem advindo do campo.

urbano sobre o rural não pode ser confundida com a simples substituição mecânica dos padrões. Na verdade, essa relação se dá de maneira mais complexa, “por meio do ajustamento dos velhos padrões ao nôvo [sic] contexto social” (CANDIDO, 1964, p.161).

Nesse sentido, o caipira passa a viver de acordo com os padrões da vida citadina, porém não apaga por completo a herança de sua cultura. A permanência de sua cultura pode não se dar mais no seu modo de vida condicionado pelo meio urbano, tendo em vista que a relação com o trabalho já não é mais a mesma, no entanto ela é resgatada sempre que possível, seja em pequenos hábitos do seu cotidiano, ou no caso do Silva, retratado como pano de fundo de sua obra.

Na Vila Maceno, podemos notar traços dessa cultura caipira em alguns hábitos da população local, como por exemplo os encontros na arborizada Praça Ugolino Ugolini para os jogos de bocha, de baralho e dama. Localizada a uma quadra do Cristo, a praça é o ponto de encontro, principalmente dos velhinhos, que se reúnem ao entorno do campo de bocha, ou das mesas de damas.

De acordo com Sant’anna (1993), a temática da obra de Silva pode ser dividida basicamente em quatro atividades presentes no cotidiano do homem da roça, podendo ser: o trabalho, o lazer, a religião e os costumes em geral. As obras enquadradas na temática do lazer, retratam “os rodeios, as touradas, a pesca, o futebol no arraial, a briga de galo, o jogo de “bocha” e de “maia”, os bailinhos no sereno, as brincadeiras da criançada, as quadrinhas juninas, o pau-de-sebo” (SANT’ANNA, 164).

Os encontros na praça da Maceno, podem ser entendidos então como um resquício do tipo de lazer existente na roça, presentes no cotidiano da cidade. Antes do processo de modernização empreendido na década de 1950, esse tipo de atividade era mais presente dia-a-dia da cidade. As praças e os lugares públicos da cidade, longe de serem lugares somente de passagem, eram caracterizados por este tipo de atividade pacata, onde a relação e o contato entre as pessoas eram mais próximos.



Figura8: Encontros na Praça Ugolino Ugolini.  
Fonte: Autor, 2012.

Foi na Vila Maceno que Silva viveu a maior parte de sua vida. Antes que seu Museu Municipal de Arte Contemporânea começasse a funcionar em 1966, o artista “vinha fazendo de sua própria residência [na Vila Maceno] um local de exposição de quadros, uma Casa-Museu, que foi ampliando e tomando conta de seu espaço de moradia” (SANT’ANN, 1993, p. 30).

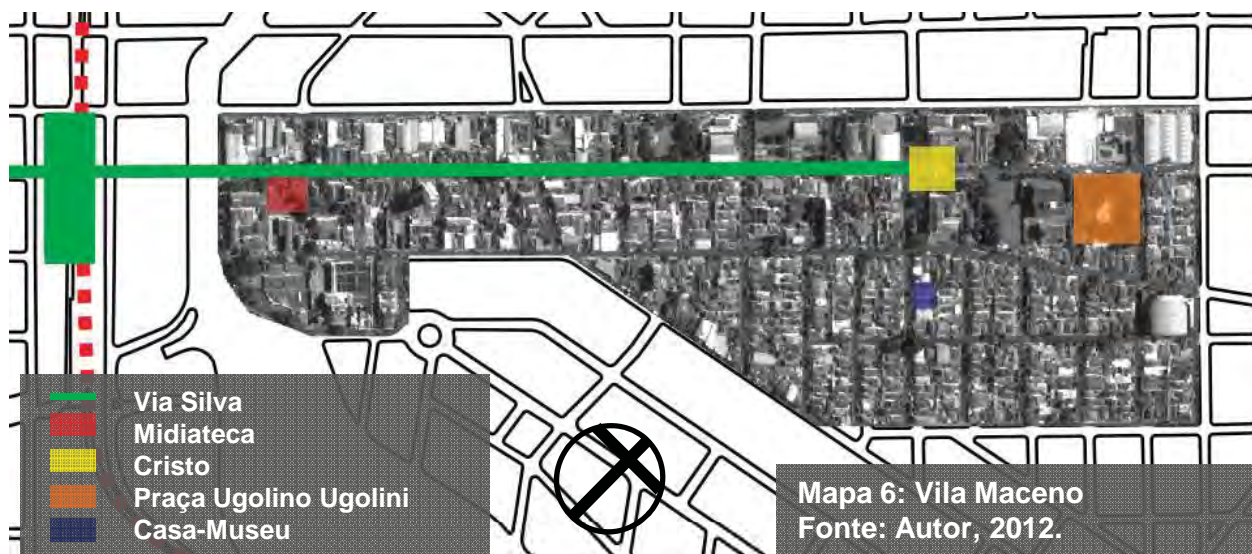


Figura 9: Casa-Museu, 1952. Fonte: Sant'anna, 1993.



Figura 10: Local onde antes se localizava a Casa-Museu. Fonte: Autor, 2012.

Localizada na rua Fernão Dias, a uma quadra do Cristo, a Casa-Museu, de acordo com Sant'anna (1993), era um dos pontos culturais da cidade na época, atraindo visitantes de outras cidades, como São Paulo e Rio de Janeiro: “hoje a minha casinhola da Vila Maceno é o Museu de Arte aonde tenho despertado a atenção das mais altas autoridades de São José do Rio Preto” (SILVA, 1949, p. 236).

Com o passar dos anos, conforme Sant'anna (1993), o convívio familiar já se tornava insuportável no ambiente doméstico devido ao aumento do número de visitantes que frequentavam a casa, o que levou o artista a se mudar para uma nova residência:

Procurou então o prefeito municipal, Loft João Bassit, a Câmara de Vereadores e outros políticos, mas não conseguiu que os organismos oficiais se entusiassem com a ideia de adquirir a casa, de tombá-la como patrimônio cultural da cidade. Silva, contrafeito, raspou das paredes as pinturas-murais, e vendeu a casa a particulares, que a demoliram. (SANT'ANNA, 1993, p.33)

Mesmo sem o apoio oficial para a sua Casa-Museu, Silva não desistiu da ideia. Anos mais tarde, o sonho de se instalar seu museu e a necessidade de comunicar e divulgar sua arte, se materializava com a fundação do Museu Municipal de Arte Contemporânea, junto à Biblioteca Municipal, no ano de 1966.

## Proposta e Diretrizes

O Cristo da Maceno é um ponto de contemplação do percurso. Devido à altitude do lugar, temos aqui mirante para a paisagem urbana. Este é o único ponto em que se pode visualizar toda a extensão do Eixo Via Silva.

Além de ser o local em que Silva viveu a maior parte de sua vida quando morou na cidade, o antigo bairro da Vila Maceno guarda resquícios do tipo de cidade que havia antes das transformações modernistas em São José do Rio Preto.

Neste ponto, é proposto como diretriz, a instalação de um ponto de ônibus com a mesma tipologia da MEDIATECA que demarque o início do percurso.





Figura 12: Vista do Cristo para o percurso Via Silva.  
Fonte: Autor, 2012

## Acesso

O acesso ao ponto de partida do percurso, pode ser feito por meio de transporte público. Saindo do Terminal Urbano de Integração, localizado no centro da cidade, ao lado da Estação Ferroviária e da Rodoviária, há algumas linhas de ônibus que passam ao lado do Cristo da Maceno. (Mapa 10). São citadas duas:

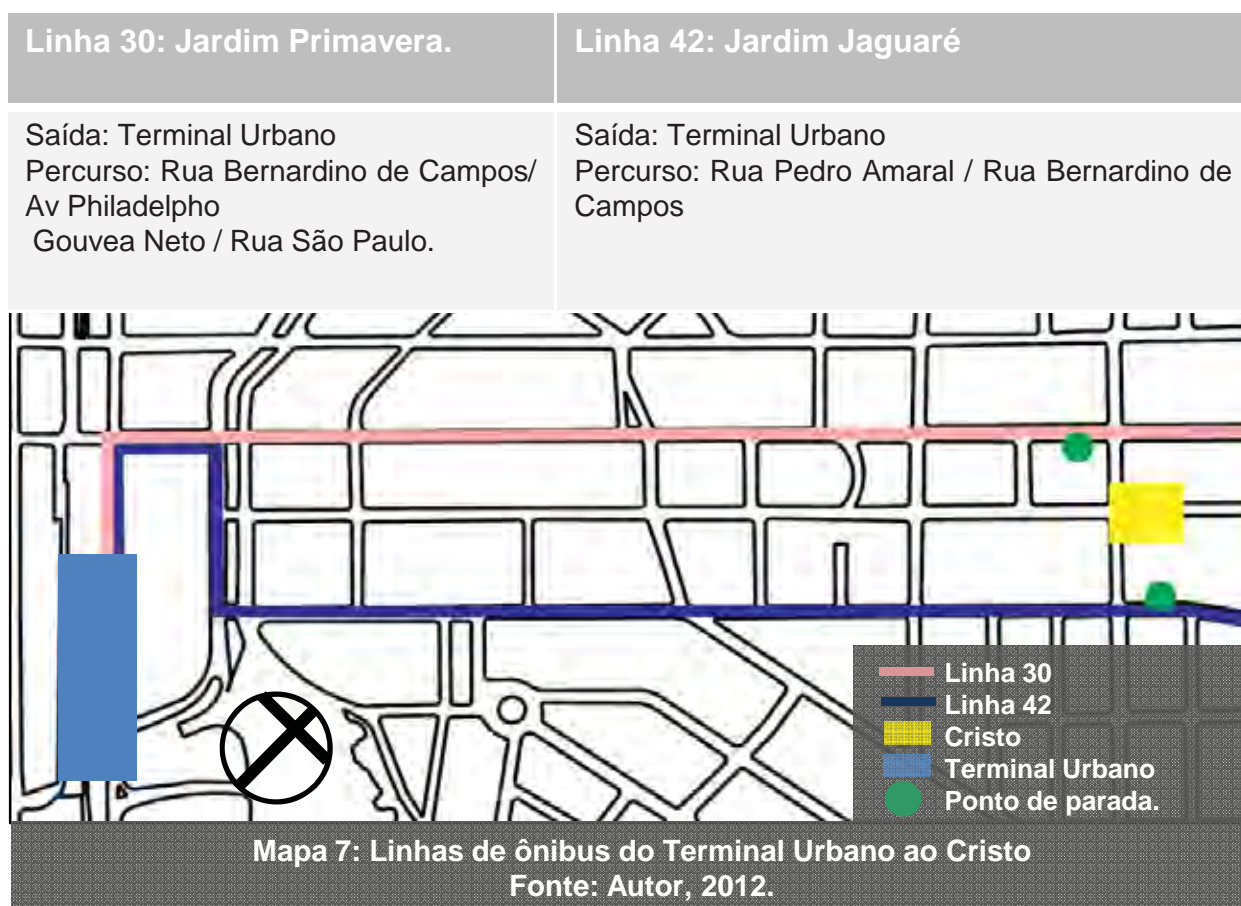




Figura 13 – Primeira Queimada. (1967, óleo sobre tela, 100 x 60 cm, MAP). Foto: Autor, 2012.

2

## † ESTAÇÃO 2: MEDIATECA

Então você vê o fogo. O fogo é um ser vivo! É o fogo. É uma química que nem o home sabe o que é isso aí! Ele deu o nome e nem ele sabe o que é. Entendeu? É uma química que queima mesmo. Um palitinho de fósforo e VRUUUUUM! Bate o fogo na mata. Pega o fogo. O MATO GRITA! AS FOIA CHIA! OS PASROS PIA! O MACACO GRITA!

José Antônio da Silva  
(SANT'ANNA, 1993, p.136)

Situado nas ruas Alberto Sufredini Bertoni esquina com a Pascua do Vale, ainda na Vila Maceno, temos aqui a segunda parada do percurso: a MEDIATECA José Antônio da Silva.

A proposta para o local é o projeto de uma MEDIATECA que sirva como um pólo difusor da cultura caipira na cidade, disponibilizando acervos nas diversas mídias conhecidas atualmente para consultas, empréstimos e digitalização – tais como: livros, revistas, jornais, fotografias, desenhos, vídeos (fitas, filmes, CDs, DVDs, digitais), áudios (discos, CDs, digitais).

O projeto também tem por objetivo criar um espaço múltiplo e fluido que utilize de tecnologias multimídias para revelar um Silva que era, além de pintor, escritor e escultor, um artista midiático: grande comunicador, apreciador da música caipira, foi músico violeiro e contador de causos. Gravou dois discos e participou do documentário: “Quem não conhece o Silva?”.

A escolha do terreno não se deu somente por estar situado dentro do percurso cultural, mas também devido às qualidades urbanas ainda presentes na Vila Maceno, como por exemplo o convívio social caracterizado pela relação corpo a corpo entre os moradores e a presença da vizinhança nas calçadas, além da proximidade com o Cristo e por ter sido o bairro em que Silva viveu a maior parte de sua vida, onde instalou seu primeiro museu, a Casa-Museu, em sua residência na rua Fernão Dias.



Figura 14: Imagem de satélite do terreno.  
Fonte: Google Earth, 2012



Figura 15 – Terreno  
Foto: Autor, 2012.

## ***Conceito Projetual***

Partindo da proposta de se compreender o artista e sua obra por meio da relação com a cidade de São José do Rio Preto e de se pensar em um espaço que esteja integrado com o contexto urbano e com a história e a cultura local, o projeto foi pensado a partir do conceito da dissolução do edifício na cidade, no sentido de integrá-lo à paisagem urbana.

Uma das características da pintura primitivista é a forma como a perspectiva é trabalhada no espaço pictórico. Devido ao fato da arte primitivista ser produzida, sobretudo, por artistas autodidatas, com pouco ou nenhum conhecimento técnico ou teórico, encontramos na sua pintura uma certa simplificação formal, principalmente no que diz respeito a como a perspectiva é trabalhada no espaço da tela.

Essa característica também pode ser percebida nos quadros de Silva. Em algumas telas a distorção no uso da perspectiva é tanta que chega haver a ausência de um pano de fundo, como se os elementos que compõem a paisagem estivessem chapados no plano pictórico. A relação fundo e figura tão usual até o início do século XX, destituída a partir dos quadros dos impressionistas também pode ser verificada na composição primitivista, numa fusão quadro/pintura; e em novo argumento, numa distinção edifício/cidade.

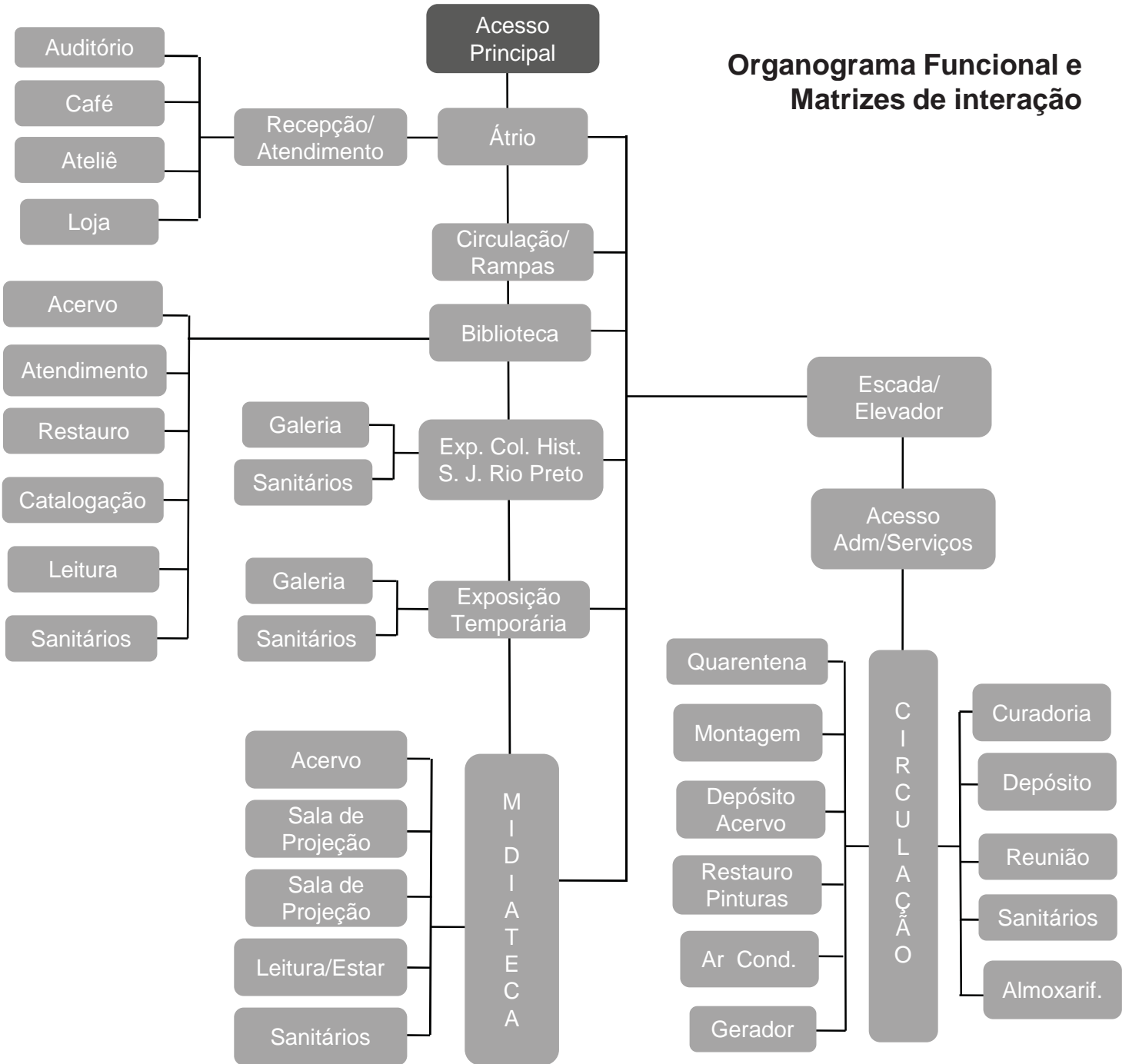
No quadro *Primeira Queimada* (1967, óleo sobre tela, 100 x 60cm), da coleção “História de São José do Rio Preto”, a ausência de pano fundo, somado às pinceladas

agressivas, conferem à imagem uma idéia de dissolução dos elementos, como se tudo estivesse sendo consumido pelo fogo: terra, árvores, pássaros e animais.

Neste quadro, a composição cromática promove o choque entre os opostos: a *cor primária* (azul e matizes intermediários, passando pelo cinzento e o negro) e a *cor intermediária* ou *secundária* (alaranjado), sendo uma negativa da outra. Aqui, as marcas de pincel parecem borrões exercendo um direcionamento verticalizante, pinchando labaredas para o alto, vertiginosa e enroladamente: a fumaça em rodeios turbilhonantes, negreja grande parte do espaço superior da tela. (SANT'ANNA, 1993, p. 135)

Na concepção formal do projeto, buscou-se traduzir algumas das características encontradas nas pinturas de Silva para o plano espacial. Nesse sentido, com a utilização da trama desordenada de madeira que envolve o edifício, juntamente com a disposição dos blocos que “saltam” ao volume, rasgando a trama, procurou-se quebrar a noção de bloco; além disso, tais elementos sugerem um certo caos à forma, fazendo com que o domínio do observador em relação à mesma seja alterado constantemente.

## Organograma Funcional e Matrizes de interação



## Programa de necessidades da MEDIATECA

Setores / Pavimento	Área m <sup>2</sup>
<b>I. Sub-solo 1 – Área técnica</b>	<b>1046</b>
Administração	125
Curadoria e Pesquisa	47
Depósito Auxiliar	29
Sala de Reunião	29
Quarentena	58
Montagem	106
Sala de Restauro de Pinturas	55
Depósito do Acervo	49
Almoxarifado	99
Casa de Máquinas – Ar condicionado	60
Casa de Máquinas - Gerador	75
<b>II. Sub-solo 2 – Estacionamento (35 vagas)</b>	<b>1110</b>
<b>III. Térreo</b>	
Átrio	132
Recepção	16
Guarda-Volumes	9
Palco	42
Ateliê Educativo	63
Loja/Livraria	32

## Programa de necessidades da MEDIATECA

Setores / Pavimento	Área m <sup>2</sup>
Auditório	109
Café	102
Sanitários	30
<b>IV. Pavimento 1 - Biblioteca</b>	
Recepção/Administração	61
Catálogo	15
Restauração	15
Leitura	100
Acervo	150
Sanitários	30
<b>V. Pavimento 2 – Exposição Coleção História de São José do Rio Preto</b>	
Galeria	460
Sanitários	30
<b>VI – Pavimento 3 – Exposição</b>	
Galeria	540
Sanitários	30
<b>VII. Pavimento 4 - MEDIATECA</b>	
Acervo de mídias digitais	92
Sala de Projeção	29
Leitura / Estar	439
Sanitários	30

Como a Midiateca está inserida dentro de um percurso cultural com paradas em locais que dialogam com a história e o contexto da cidade, é proposto incorporar a seu programa, no segundo pavimento, a exposição permanente das 15 telas pertencentes à coleção “História de São José do Rio Preto”, pintada por Silva entre os anos de 1966 e 1971, e que atualmente compõem o acervo do MAP (Museu de Arte Primitivista).

Organizados de acordo com sua cronologia histórica, os quadros são:

1. Chegada de João Bernardino Seixas (1966)
2. Primeira casa de pau-a-pique (1966)
3. Primeira Missa (1966)
4. Chegada do Visconde de Taunay (1967)
5. Primeira queimada (1966)
6. Primeira derrubada (1966)
7. Algodão (1966)
8. Primeira cadeia de Rio Preto (1967)
9. Primeiro Matadouro (1966)
10. Chegada do Primeiro Carteiro (1966)
11. Chegada do Primeiro trem (1967)
12. Boiada passando por Rio Preto (1967)
13. Rio Preto de Luto (1967)
14. Catedral de Rio Preto (1967)
15. Cristo da Maceno (1971)

Figura16 – Coleção História de S. J. do Rio Preto  
Fonte: Autor, 2012.



## **Análise de Uso e Ocupação do solo**

Conforme consta no art. 2º da Lei 8637 de 28/05/02 de alteração da lei de zoneamento do município, “fica permitido a instalação e o funcionamento de estabelecimento de ensino e os demais que têm atividades similares, universidades, academia, biblioteca, tribunal, hospital, igreja, asilo, orfanato, museu e centro de saúde, em toda a área do Município, respeitada a distância mínima de 200 (duzentos) metros dos postos de gasolina” (grifo nosso).

De acordo com a lei de zoneamento do município de São José do Rio Preto (lei nº 5135 de 24 de dezembro de 1992), o terreno está situado nas entre as zonas 6 e 10.

A zona 6, compreende “faixas lindeiras a uma série de vias públicas de média ou grande intensidade de tráfego, e que por isso, atraem a presença do uso comercial, de serviço ou, em certos casos, residencial multifamiliar”. Nessa zona, deve-se respeitar:

- Coeficiente de Aproveitamento (CA) máximo 3;
- Taxa de Ocupação (TO) máxima = 66% da área do lote.
- Recuo Frontal: 5,00m
- Recuo: Lateral: Respeitar recuo lateral de H/6 ou no mínimo 2,00m conforme estabelecido pelo Código Sanitário do Estado de São Paulo.
- Testada mínima: 12,00m
- Área mínima: 360 m<sup>2</sup>

A zona 10 compreende os “vazios urbanos, trechos de vias públicas, áreas ou terrenos que, na implementação do Plano Diretor, mereçam tratamento e regulamentação especial para melhor cumprirem sua função social, a critério de SEMPLAN e C.P.D.D”.

- Coeficiente de Aproveitamento (CA) Máximo = 2
- Taxa de Ocupação (TO) Máxima = 60%
- Recuo Frontal = 5 m
- Recuo Lateral: Respeitar recuo lateral de H/6 ou no mínimo 2,00m conforme estabelecido pelo Código Sanitário do Estado de São Paulo.
- Testada mínima: 12,00m
- Área mínima: 360 m<sup>2</sup>

De acordo com o artigo 22 da mesma lei, “os lotes com frente para logradouros que constituem divisas de zonas e os que tiverem frente para duas ou mais ruas, ficam integrados na zona de menor restrição”. Sendo assim, foram respeitados os índices urbanísticas referentes à Zona 6, de menor restrição.

- Área do terreno: 1935m<sup>2</sup>;
- TO máxima permitida para o lote= 66%
- 60% x 1935= 1161 m<sup>2</sup>
- Projeção da área edificada (respeitando a TO máxima e os demais recuos obrigatórios): 1280 m<sup>2</sup>;
- CA = 3, área edificada = 5805 m<sup>2</sup>
- Recuo Frontal = 5m
- Recuos Laterais = 3,5m

5805/ 6 pavimentos = 967,5 m<sup>2</sup> p/ pavimento (aproximadamente)

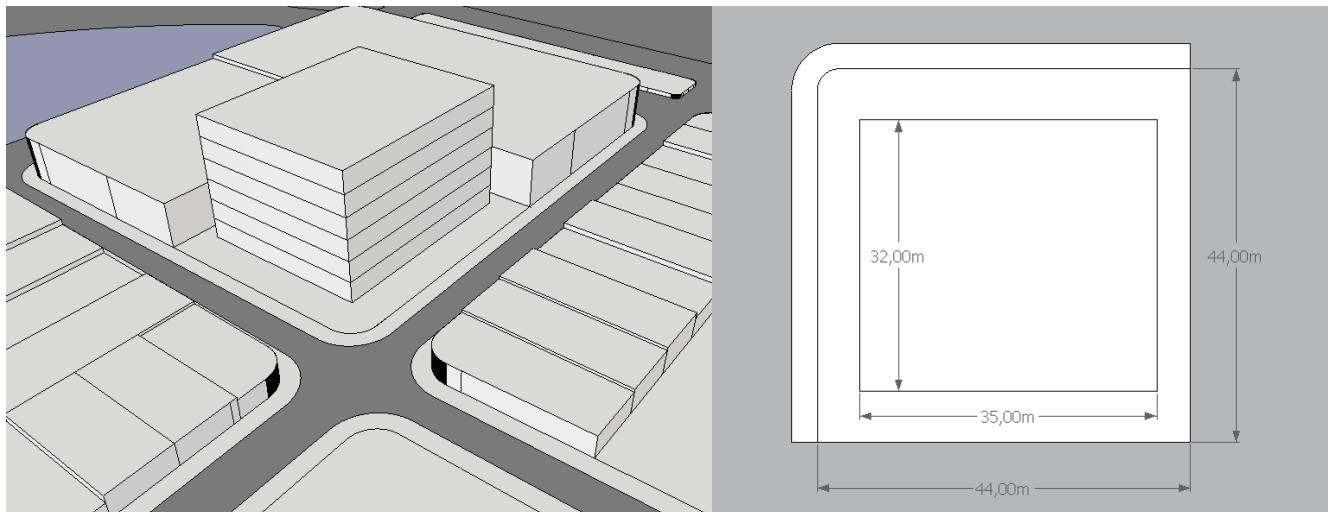
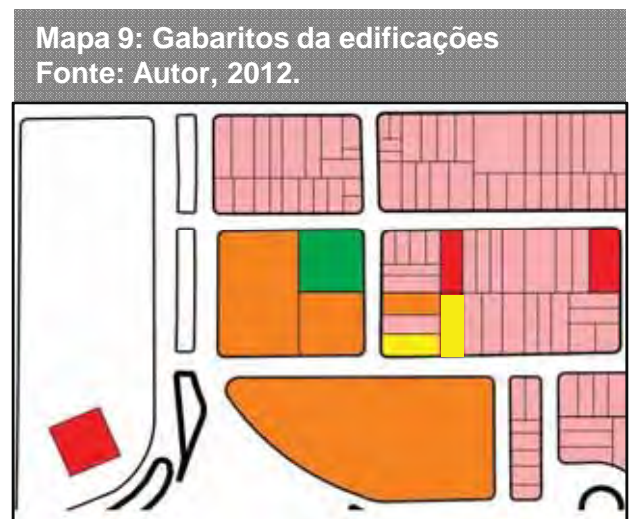


Figura 17 - Estudo de volumetria de acordo com o índice urbanísticos máximos permitidos, e projeção máxima da edificação  
 Fonte: Autor, 2012.

Após a análise dos índices urbanísticos máximos permissíveis, chegou-se ao dimensionamento de um edifício composto por 6 pavimentos, com área máxima de 1042 m<sup>2</sup>/ pavimento, mais um pavimento destinado ao estacionamento. Conforme estabelecido pelo parágrafo terceiro da lei de zoneamento, “os estabelecimentos, que se refere o presente artigo [museu, teatro e similares], localizados no subsolo, não serão computados como área máxima edificável”.



- Institucional
- Comercial
- Residencial
- Serviços
- Terreno



- 1 Pavimento
- 2 Pavimentos
- 4 Pavimentos
- 5 Pavimentos ou mais
- Terreno



## Desenvolvimento do Projeto Primeiros Estudos

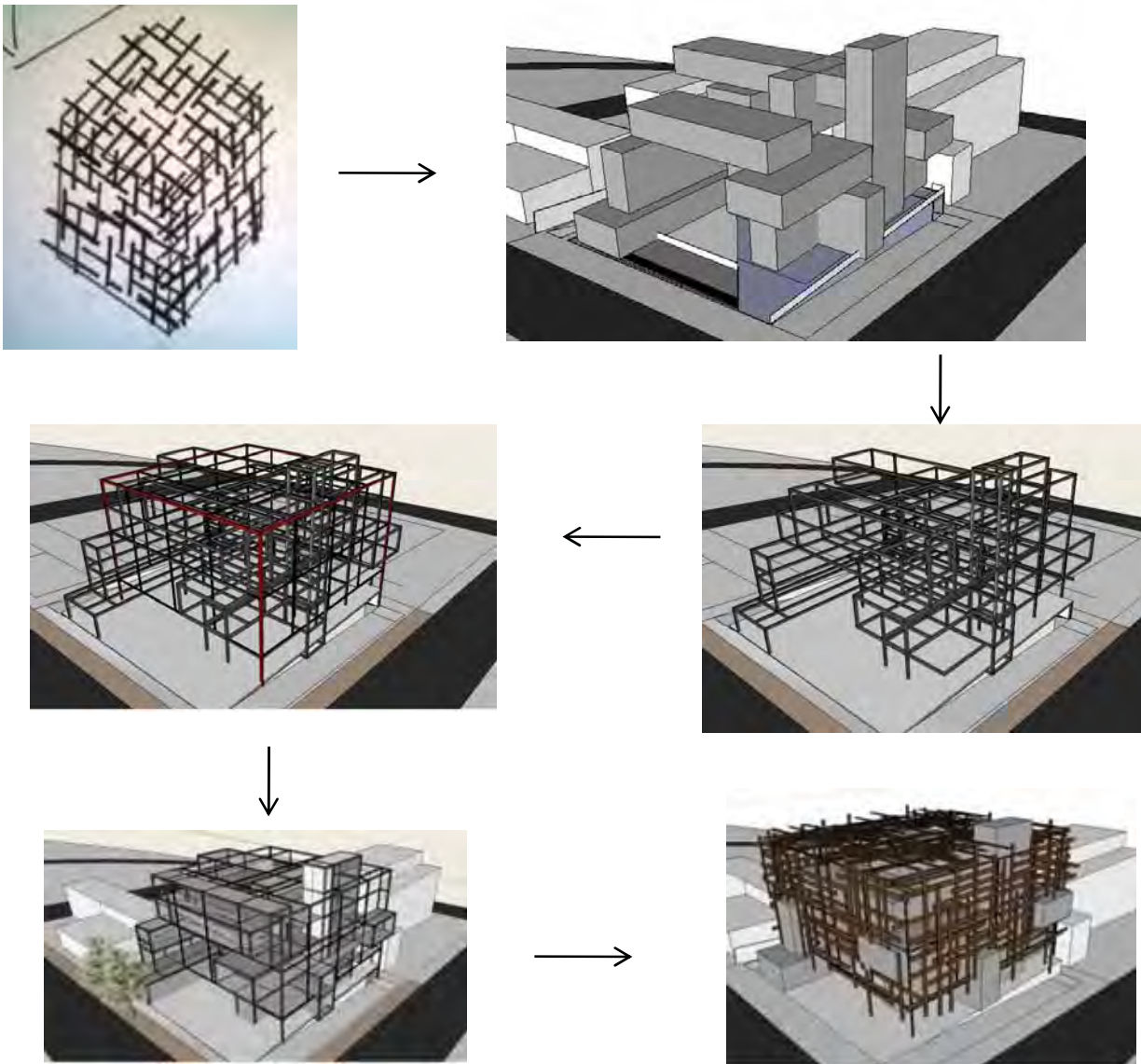


Figura 18 –Desenvolvimento do Projeto  
Fonte: Autor, 2012.

## Sistema construtivo

- Sistema composto por estrutura de vigas e pilares de aço com seção H;
- Trama composta por ripas de madeira do tipo 'pino', fixadas aos elementos estruturais por meio de perfis de aço;
- Fundação em estacas e paredes diafragma de concreto;

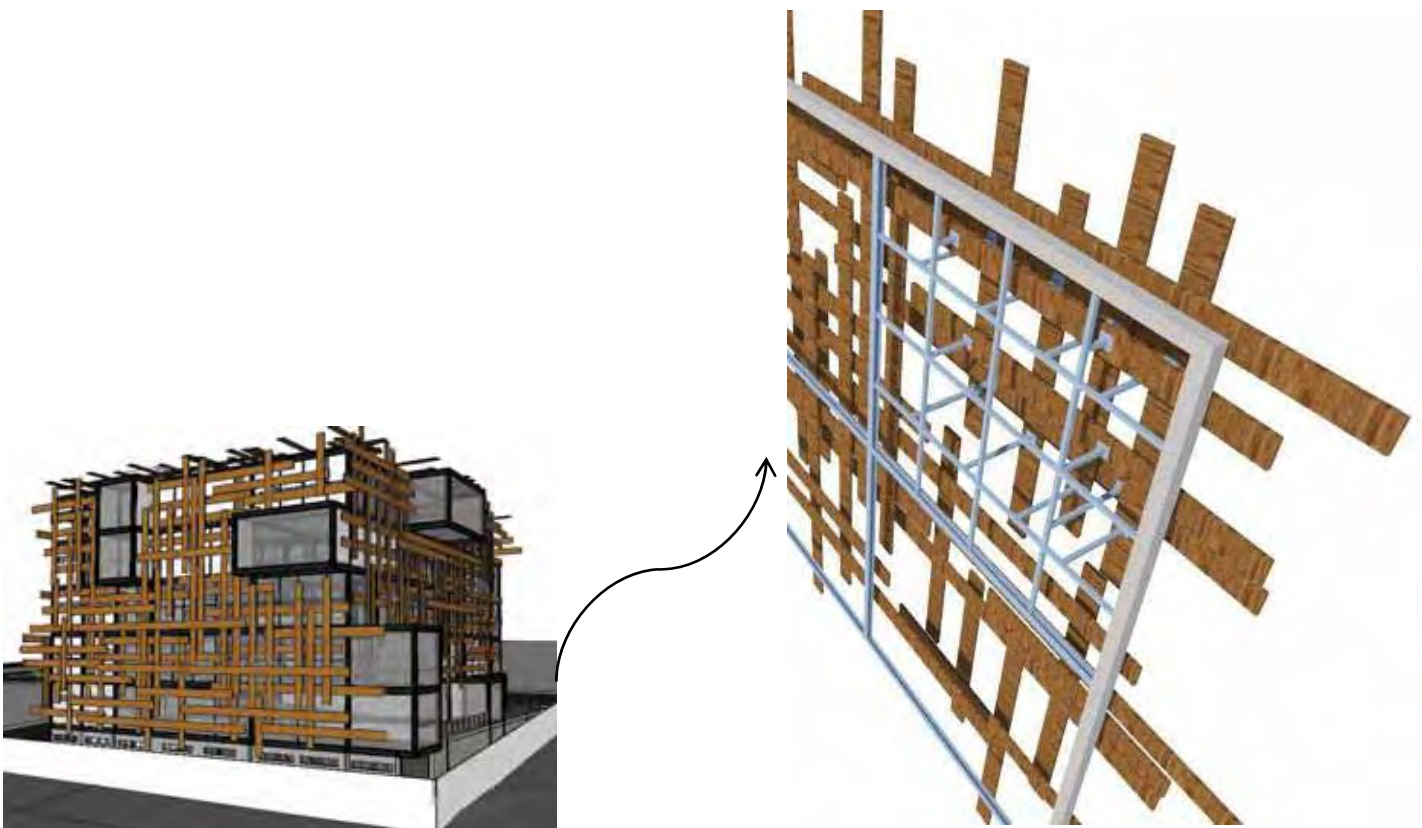


Figura 19 – Detalhamento da trama  
Fonte: Autor, 2012.



Figura 20 – Midiateca José Antônio da Silva - Acesso  
Fonte: Autor, 2012.



Figura 21 – Vista superior  
Fonte: Autor, 2012.



Figura 22 – Vista da fachada sul  
Fonte: Autor, 2012.



Figura 23 – Vista fachada norte  
Fonte: Autor, 2012.



Figura 24 – Chegada do primeiro trem. (1967, óleo sobre tela, 100 x 60 cm, MAP). Foto: Autor, 2012.

3

## † ESTAÇÃO 3: ESTAÇÃO FERROVIÁRIA

No na terceira parada do percurso, encontra-se a Estação Ferroviária de São José do Rio Preto. Este ponto marca o período das transformações empreendidas na cidade, ocorridas na década de 1950, quando a mesma se modernizava voltando-se para a circulação do automóvel, ao mesmo tempo em que a economia brasileira era impulsionada pela indústria automobilística e o transporte ferroviário dava lugar ao transporte rodoviário.

São José do Rio Preto, assim como muitas outras cidades no Brasil, se desenvolveu após a chegada da estrada de ferro no início do século XX. No entanto, com a substituição<sup>12</sup> deste meio de transporte pelo automobilístico, a Linha Férrea perdeu sua importância dentro do município, e o que antes era símbolo de desenvolvimento hoje é visto como um problema pelos moradores da cidade, permanecendo como uma cicatriz urbana.

Com cerca de 10 km de trecho urbano, a linha<sup>13</sup> pouco se insere no cotidiano da cidade, representando um forte elemento segregador do espaço urbano, ao dividir a cidade ao meio. Neste sentido, a linha permanece como barreira dentro do contexto urbano, e a passagem do trem de carga diariamente causa inúmeros transtornos, sendo vista como um entrave ao deslocamento interno.

Esta parada foi representada por Silva em *Chegada do primeiro trem* (1967, óleo

---

<sup>12</sup>Essa substituição fica clara principalmente após a construção da Rodoviária, instalada à frente da Estação Ferroviária em 1971. A edificação é característica da arquitetura moderna, com projeto de autoria dos arquitetos Ézio Glacy e Lima Bueno, ocupa o antigo pátio da Estação Ferroviária.

<sup>13</sup> Atualmente controlada pela concessionária América Latina Logística (ALL).

sobre tela, 100 x 60 cm, MAP), pertencentes à série História de São José do Rio Preto. Neste quadro, o artista retrata, por meio de uma visão hiperbólica, a chegada do primeiro trem em São José do Rio preto. A tela é estruturada a partir do grande vagão localizado no centro da tela, rodeado por uma enorme multidão eufórica, comemorando a chegada do primeiro trem na cidade, no ano de 1912.

Silva era um artista dotado de grande percepção histórica. Conforme Sant'anna (1993), apesar de sempre afirmar que as questões referentes à vida urbana não tem importância para os temas de sua obra, o artista mantém uma postura vital e artística que reflete uma pessoa a par dos acontecimentos citadinos.

“Na qualidade de artista dêste nosso querido e belo Brasil, e principalmente do nosso grande Estado de São Paulo, o Diretor Executivo e Criador do Museu Municipal de Arte Contemporânea de São José do Rio Preto, venho empenhar junto a, Vossa Excelência para que seja doada uma locomotiva antiga a vapor, que trafegou pela bitola estreita da Estrada de Ferro Araraquarense, para ficar exposta no referido museu ou na praça pública ou no patio da própria estação de São José do Rio Preto.” Trecho da carta enviada por Silva ao Governador, em 1969. (SANT'ANNA, 1993, p. 42)

Isso fica claro em um episódio ocorrido em 1969, em que o artista, em uma ideia mirabolante, consegue uma locomotiva a vapor com a intenção de fazê-la funcionar ao redor das praças da cidade. No entanto, de acordo com Sant'anna (1993), mesmo conseguindo a locomotiva, não conseguiu apoio dos órgãos oficiais locais para por o projeto em prática.



## A Estação Ferroviária

A Estação Ferroviária de São José do Rio Preto, segundo Estações (2012), foi inaugurada em 1912 após a chegada da Estrada de Ferro Araraquarense (EFA) ao município. No entanto, o acelerado desenvolvimento da cidade, impulsionado pela chegada da linha férrea e somado ao grande aumento na circulação de cargas e passageiros, levou à construção de uma nova Estação Ferroviária, inaugurada em 1941. Com arquitetura eclética misto de Art Déco com Neo-clássico, a nova Estação passou por uma ampliação em 1954, aumentando sua marquise e sua edificação principal<sup>14</sup>.

Funcionou como embarque e desembarque de passageiros até o ano de 2001, quando, a partir de então, perdeu seu uso como estação. Apesar de seu valor histórico, hoje não representa nenhum

---

<sup>14</sup>Estações (2012)

Figura 25: Estação Ferroviária em 1927, 1952 e 2012.  
Fonte: ESTAÇÕES, 2012.

retorno ou benefício à cidade, tampouco faz parte do cotidiano das pessoas.

Tombada como patrimônio histórico municipal em 30 de dezembro de 2008, atualmente, de acordo com Estações (2012), o prédio abriga os seguintes usos:

1. Edificação principal: escritório e alojamento para trabalhadores da concessionária da linha, a America Latina Logística (ALL) e escritório e apoio operacional para a Empresa Municipal de Urbanismo (Emurb);
2. Antiga casa do chefe: atualmente sem uso, já foi de estamperia a serviços sociais;
3. Antigo depósito: funciona uma oficina de Artes e Danças e uma sala de reuniões comunitárias;
4. Marquise: depósito de entulhos e estacionamento de motos.

## **A praça cívica**

Nesta parada do percurso, é proposto também a visita à Pinacoteca Municipal, instalada no segundo andar prédio da Biblioteca Municipal, no Centro Cultural Prof. Daud Jorge Simão, localizado na Praça Jornalista Leonardo Gomes – Praça Cívica, em frente à Estação Ferroviária.

Destinada inicialmente para abrigar um projeto ousado, a Praça Cívica foi idealizada durante o governo do prefeito Wilson Romano Calil, no início da década de 1970. O projeto, do arquiteto José Gonçalves Toscano, compreenderia diversos edifícios com finalidades culturais e cívicas, dentre eles o Centro Cultural, o Centro

Comercial, em um edifício de 15 andares, além da Praça dos Três Poderes, onde se instalariam o Fórum, a Prefeitura e a Câmara Municipal. Devido ao elevado custo, o projeto não foi concluído, sendo construído somente o atual Centro Cultural<sup>15</sup>.



Figura 26: Maquete da Praça Cívica, 1975.  
Fonte: Pimenta, 2012.

Em 1977, a praça foi repensada pelos arquitetos paisagistas Mirthes I. Soares Baffi e Jamil José Kfourri, durante o planejamento do Parque Setorial. Diferente do projeto anterior, os arquitetos projetaram uma praça arborizada, no sentido de integrar a mesma como área de lazer do centro da cidade.

---

<sup>15</sup>Pimenta, 2011.

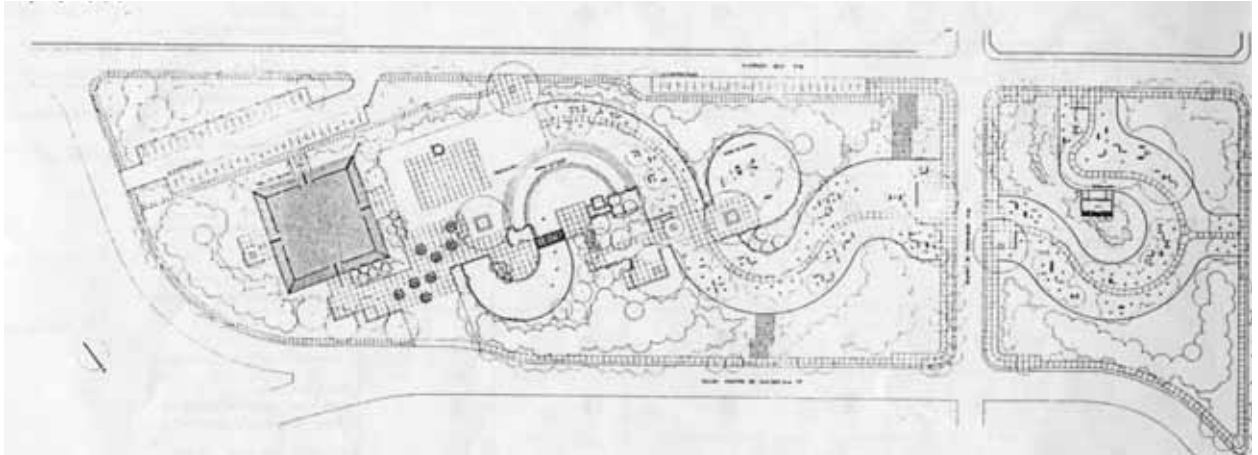


Figura 27: Projeto da Praça Cívica, 1977.  
Fonte: KFOURI, 1980.



Figura 28: Centro Cultural Prof. Daud Jorge Simão.  
Fonte: Prefeitura Municipal de São José do Rio Preto [2011].

## Propostas e Diretrizes

O objetivo desta parada é fazer ver a memória de um espaço que se apresenta de maneira fundamental para compreender a história da cidade e o início de seu desenvolvimento. Neste sentido, por meio da reutilização da Estação Ferroviária e da Ferrovia, busca-se aproximar tal história ao cotidiano das pessoas, no sentido de se criar novas relações com o espaço e estabelecer novas percepções sobre a cidade.

É proposto nesta parada, além da visita à Pinacoteca Municipal e a instalação de um ponto de ônibus que demarque a Estação 3 do percurso, a reativação do trem urbano cultural, chamado “Trem caipira”. Inaugurado em 2008, com dois vagões que percorreriam o trajeto entre São José do Rio Preto e o distrito de Engenheiro Schmit,

em uma distância de 20 km, o projeto do trem caipira foi paralisado no mesmo ano, funcionando apenas uma vez.

Atualmente, está em andamento um projeto na Prefeitura Municipal de São José do Rio Preto que prevê, além da reativação do trem caipira, a reforma das estações ferroviárias de São José do Rio Preto e do distrito de Engenheiro Schmit<sup>16</sup>.



<sup>16</sup>Paganelli, 2012.



Figura 29 – Catedral de Rio Preto. (1967, óleo sobre tela, 100 x 60 cm, MAP). Foto: Autor, 2012.

4

## † ESTAÇÃO 4: CATEDRAL DE RIO PRETO



Figuras 30,31 e 32: Primeira Capela; Catedral em 1928 e Catedral em 1950, respectivamente <sup>17</sup>  
Figuras 33 e 34: Projeto da nova Catedral, 1973 e Catedral atualmente, 2010<sup>18</sup>.

A Catedral de São José, situada entre as praças Rui Barbosa e Dom José Marcondes, nas ruas Voluntários de São Paulo e Bernardino de Campos é considerada o marco zero da cidade. Ela é a quarta Catedral a ser construída no local, sendo a primeira, edificada no ano de fundação da cidade, em 1855. Em 1890, é construída a segunda igreja, que por sua vez é demolida no ano de 1932 para a construção de uma maior. Em 1975, sob alegação de problemas estruturais, a Catedral é demolida para a construção da atual.<sup>19</sup>

Este ponto, retratado por Silva em *Catedral de Rio Preto* (1967, óleo sobre tela, 100 x 60 cm, MAP), é fundamental para compreendermos a modernização empreendida em São José do Rio Preto pós década de 1950 e as consequências que tal modernização, do ponto de vista das transformações espaciais, trouxe para as relações sociais. Nesta tela, Silva retrata de maneira exagerada<sup>20</sup> a imagem de uma cidade que se modernizava e ao mesmo tempo perdia as qualidades de cidade do interior.

A qualidade do centro de uma cidade pequena, onde as relações sociais são caracterizadas pelo contato direto entre os cidadãos, característico de cidade interiorana, agora é representada por Silva pela multidão desconhecida e agitada, e pelo intenso fluxo de veículos.

A tela se estrutura a partir da centralidade ocupada pela Catedral, rodeada por inúmeros edifícios que se misturam pela densidade exagerada, convivendo com o único casario que restou das transformações modernistas - representada pelos edifícios que configuram a paisagem urbana. Nota-se então que o casario baixo, característico da arquitetura do centro da cidade até a década de 1950, agora cede espaço para os edifícios, que se impõem na paisagem pictórica.

---

<sup>17</sup> Fonte: IHGG.

<sup>18</sup> Fonte: CURY, 2012.

<sup>19</sup> Fonte: Demian, 2009.

<sup>20</sup> Segundo Sant'anna (1993) essa maneira exagerada de representar a cidade no plano pictórico se deve também a uma visão de estranhamento que o artista, na condição de homem do campo, tem frente a vida urbana, o que o leva a encarar a cidade em dimensões gigantescas.

Um aspecto que chama a atenção na tela é a marca autoral representada pela assinatura do artista na torre da Igreja, o que denota sua identificação com o objeto principal da obra, a Catedral. Segundo Sant'anna (1993), ao se colocar de maneira figurativa como parte do objeto, Silva expressa seu orgulho pela cidade e sua íntima ligação à mesma, tendo em vista que a Catedral é considerada o “coração da cidade”. Mais do que isso, essa identificação pode ser lida pelo fato de que a igreja, assim como o artista, permanecia resistente às transformações que ocorriam no contexto histórico da época.

Tais transformações, como aponta Francisco (2007), foram empreendidas por meio de um plano urbanístico, cujo principal instrumento era o zoneamento, e surgiram em um cenário econômico favorável para a cidade, quando a mesma se firmava como polo regional devido à prosperidade econômica que vinha adquirindo desde a chegada da linha férrea.

O planejamento urbanístico modernizador não tinha apenas como objetivo solucionar problemas de infraestrutura, como o alargamento de vias, a necessidade transposição de barreiras impostas pelos córregos Borá e Canela e a construção de obras de saneamento<sup>21</sup>, mas também trazer o progresso tão almejado pela elite local da época “que demonstrava uma vontade de se modernizar, de romper com os ranços do caipirismo sertanejo e de se projetar como cidade de progresso” (FRANCISCO, 2007, p. 17).

---

<sup>21</sup> Teodózio (2008).

Nesse contexto, a influência da propagação do modo de vida metropolitano da cidade de São Paulo e do urbanismo funcionalista disseminado no Brasil por meio da construção de Brasília, somaram-se às necessidades de ampliação da rede de infraestrutura, devido ao crescimento urbano, tornando justificável a elaboração de um plano urbanístico que, por fim, favoreceu a especulação imobiliária no centro e a maximização da densidade edilícia por meio da verticalização<sup>22</sup>.

Talvez, o mais grave tenha sido a perda, irreparável, das qualidades urbanas de uma cidade pequena que, mesmo sem uma rede modernizada de infra-estrutura, tinha no corpo a corpo do contato do cidadão do interior uma forma de minimizar o abismo e as disparidades sociais reveladas mais tarde pela cidade verticalizada. O centro da cidade que tinha, no casario baixo, na diversidade da vizinhança e na vegetação que sombreava as ruas e praças, o privilégio das relações inter-pessoais, viu ser substituída a “urbanidade acaipirada” pela importação do modelo modernizador do urbanismo paulistano que foi, paulatinamente, eliminando os vestígios da cultura local e diminuindo os laços de intimidade. O tempo fugidio, característico da modernidade em processo, roubou-lhe o tempo da cidade do interior. (FRANCISCO, 2007, p. 82).

---

<sup>22</sup>“O arranha-céu – não somente como um produto do mercado financeiro –, era visto mais como símbolo de uma modernização almejada pela sociedade, e menos como uma necessidade de espaço” (FRANCISCO, 2007 p.30).

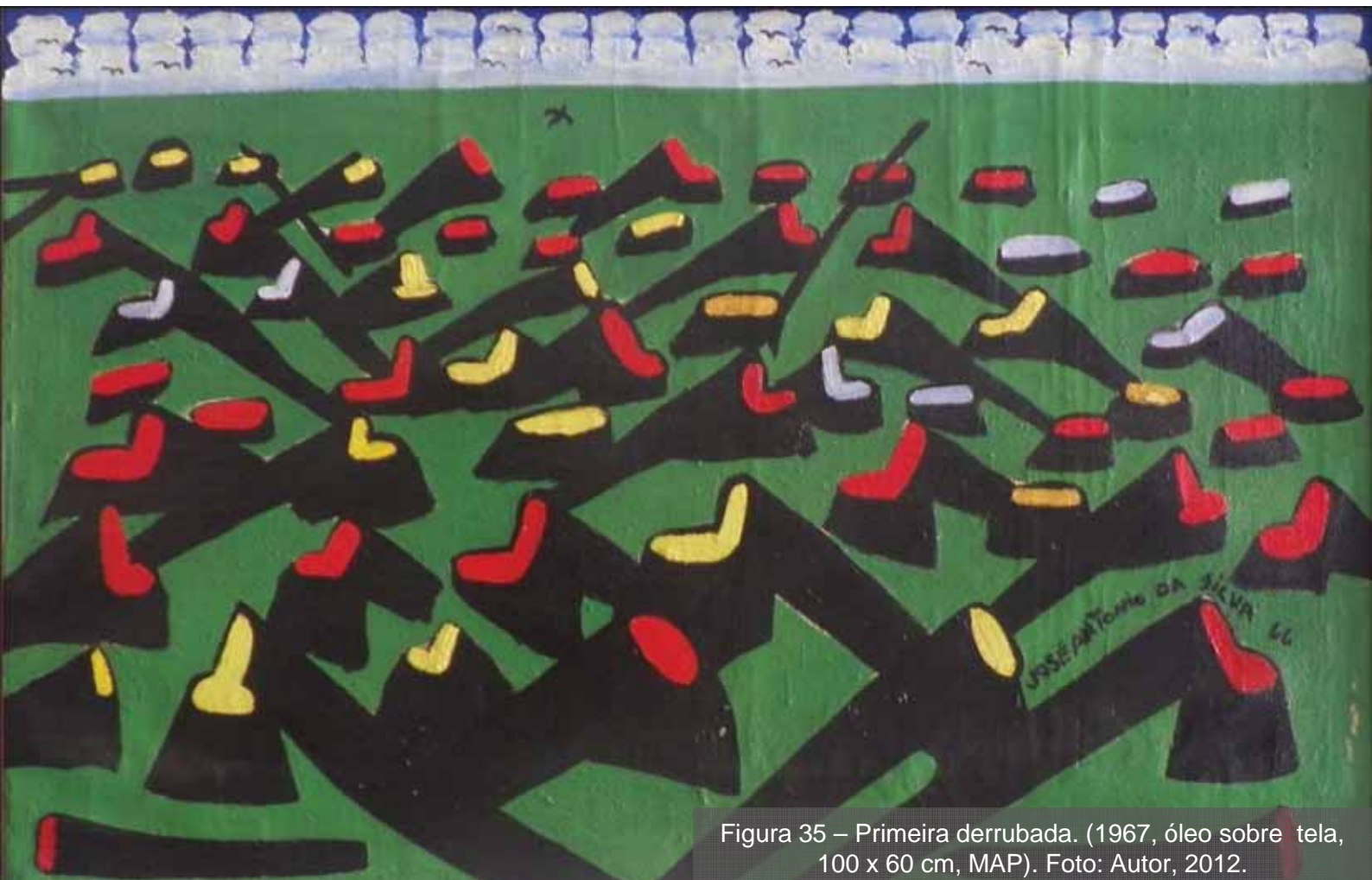


Figura 35 – Primeira derrubada. (1967, óleo sobre tela, 100 x 60 cm, MAP). Foto: Autor, 2012.

5

## † ESTAÇÃO 5: MUSEU DE ARTE NAÏF E MUSEU DE ARTE PRIMITIVISTA

‘ Como qualquer entidade cultural não pode funcionar sem um diretor, elogiei-me diretor por conta própria, porque apesar da Câmara Municipal ter proposto lei que coloca-me como diretor, o Sr. Prefeito não sancionou a lei, e continuo com o cargo de atendente da Biblioteca Municipal, ganhando salário mínimo, sendo que mereço, pelo fato de ter fundado o Museu, o cargo de Diretor.

O meu maior sonho é antes de morrer, deixar o Museu completamente terminado, com 14 salas, que terão a distribuição seguinte: 1º sala, para Diretoria; 2º sala, para a Secretaria; 3º sala, para dialogar; 4º sala, para o salão oficial; 5º sala, para a biblioteca; 6º sala, para o salão de acervo dos quadros a óleo; 7º sala, para as esculturas; 8º sala, para belas artes; 9º sala, para gravuras; 10º, para desenho; 11º, para o arquivo do Museu; 12º, para meu escritório; 13º, para o auditório; 14º, para o refeitório, porque um Museu tem que ter banquetes.

José Antônio da Silva

(declarações ao Diário da Região, de São José do Rio Preto, em  
1.8.1971)

(SANT’ANNA, 1993, p. 41)

Na quinta parada do percurso estão localizados o Museu de Arte Naïf (MAN) e o Museu de Arte Primitivista José Antônio da Silva (MAP), ambos no prédio onde funcionou, até o ano de 1980, a Biblioteca Municipal Dr. Fernando Costa e o Museu Municipal de Arte Contemporânea<sup>23</sup>. De acordo com Sant'anna (1993), no período em que trabalhava como funcionário da biblioteca, Silva fundou, em uma das salas do prédio, o seu Museu Municipal de Arte Contemporânea, inaugurado em 1966.

Assim que inaugurou o museu, pintou sobre o reboco das paredes quinze murais, treze deles nas dimensões 100 x 70 cm, no qual representou sua própria via sacra, com cenas que retratam, de maneira irônica, desde sua vida na roça, passando pelo seu reconhecimento como artista, até a sua morte e ressurreição.

Naquela época, funcionava no local a Biblioteca Municipal. Silva era o faxineiro e ocupou uma das salas para fazer dali seu Museu de Arte Contemporânea. Lá, produziu os tais painéis, pintando-os direto na parede do prédio. Durante mais de 20 anos, o prédio e as obras ficaram abandonados, até que, a partir de 2005, os painéis foram restaurados e o prédio revitalizado para ser transformado no MAN". (DIÁRIOWEB, 2011).

Durante os anos em que ficou à frente do museu, Silva ia “permutando telas de sua autoria com trabalhos de diversos artistas plásticos ao alcance de seu conhecimento” (SANT'ANNA,1993, p. 43). Conforme Sant'anna (1993), o museu exibia

---

<sup>23</sup> Fonte: Prefeitura Municipal de São José do Rio Preto.

também esculturas, antiguidades e diversos objetos artesanais e exóticos.



Figura 36: Interior do Museu Municipal de Arte Contemporânea da década de 1970. Fonte: “Quem não conhece o Silva”, 1978.

*“Nesse museu do Inconsciente, objetos artesanais e objetos industriais são a representação do momento de mudança da sociedade rural para a urbana”<sup>24</sup>.*

Conforme Sant’anna (2003), Silva permaneceu à frente do museu até o ano de 1973, quando mudou-se para São Paulo e entregou como forma de doação ao município parte do acervo. Mesmo não morando mais em São José do Rio Preto, Silva foi nomeado simbolicamente diretor do museu até o ano de 1979.

---

<sup>24</sup> Fonte: Trecho retirado do documentário: Quem não conhece o Silva?, filme em 16 mm, 12 minutos, direção de Carlos Augusto Calil, produção Fitas Brasileiras Produções Culturais Ltda., distribuição Embrafilme, Rio de Janeiro, 1978.

O museu permaneceu no prédio até 1980, ano no qual teve seu acervo transferido, junto com a Biblioteca Municipal, para o prédio do Centro Cultural Prof. Daud Jorge Simão, na Praça Jornalista Leonardo Gomes – Praça Cívica. O acervo passou a fazer parte do Museu de Arte Primitivista José Antônio da Silva, inaugurado no dia 19 de julho de 1980 que, somado à outras doações, passou a exhibir 67 telas, mais de 60 objetos históricos e várias esculturas de todas as fases do artista, além dos quatro livros escritos por ele: "Romance de Minha Vida" (1949), "Maria Clara" (1970), "Alice" (1972) e "Sou Pintor - Sou Poeta" (1982)<sup>25</sup>.

Entre os objetos históricos, alguns foram doações feitas ao museu, como dois carros de boi, potes de barro e vários tipos de pilões, que datam de 1930. Segundo informações mais precisas do jornal Diário da Região, esse acervo pode ser dividido em 62 pinturas, 11 desenhos, 68 esculturas, 25 painéis, 49 objetos, 2 álbuns e 29 documentos e livros.

O MAP funcionou no prédio do Centro Cultural Prof. Daud Jorge Simão até o dia 8 de março deste ano, quando foi transferido para o antigo prédio Biblioteca Municipal, que também abriga o MAN. Devido ao espaço reduzido, nem todas as obras puderam ser transferidas, restando algumas esculturas que ainda se encontram no Centro Cultural Prof. Daud Jorge Simão (Figura x)

---

<sup>25</sup> Fonte: SECRETARIA, 2011.

## Museu de Arte Naïf (MAN)

O Museu de Arte Naïf (MAN), inaugurado no dia 23 de março de 2007, é destinado a abrigar exposições de artistas primitivistas de São José do Rio Preto e região. O local preserva até hoje os 15 murais que o artista pintou sobre o reboco das paredes, na época em que funcionava seu Museu Municipal de Arte Contemporânea.



Figura 37: Vista externa e interna do MAN  
Fonte: Autor, 2012.

## Museu de Arte Primitivista “José Antônio da Silva” (MAP)

O MAP está funcionando no antigo prédio da Biblioteca Municipal desde o dia 8 de março de 2012. Devido à insuficiência de espaço, nem todo o seu acervo pôde ser transferido. Segundo informações dos funcionários do MAP, há planos de se ampliar o espaço do museu para salas onde atualmente funcionam o COMDEPHACT E O IHGG.



Figura 38: Vista externa e vistas internas do MAP. Foto: Autor, 2012.

Além do MAP e do MAN, atualmente funcionam no prédio o COMDEPHACT e o IHGG. Foi construído no final da década de 1930 e inaugurado no ano de 1940 para ser sede do Tiro de Guerra da cidade. Posteriormente, com a mudança do Tiro de Guerra, o prédio abrigar a Biblioteca Municipal a partir de 1956, e o Museu Municipal de Arte Contemporânea em 1966, que permaneceram no local até o ano de 1980<sup>26</sup>.

O prédio foi um dos primeiros a serem tombados pelo COMDEPHACT na cidade, no 2004. Por meio da análise feita pela arquiteta Roseli Sene à Prefeitura Municipal de São José do Rio Preto, como propósito de proceder a sua restauração e tombamento, o prédio pode ser considerado pertencente ao estilo arquitetônico característico do Art Decó, tendo em vista que “a simplificação formal dos excessos e as reiteraões ornamentais são peculiares ao Movimento Art Decó” (LODI, 2007).



Figura 39: Prédio do Tiro de Guerra na década de 1940. Fonte: Acervo Público Municipal.  
Figura 40: Vista do prédio, atualmente. Fonte: Autor, 2012.

<sup>26</sup> Fonte: Prefeitura Municipal de São José do Rio Preto.

## **Propostas e Diretrizes**

Devido à pouca importância oficial que ainda se dá em relação à produção artística de Silva na cidade, o local passa por sérios problemas de infraestrutura. A mudança do MAP para o prédio não levou em consideração o reduzido espaço para abrigar as obras, expostas em uma única sala do prédio, tendo em vista que ainda restaram algumas esculturas no segundo piso do Centro Cultural. Somado a isso, a falta de um estacionamento para o museu e a não destinação de vagas nas faixas das vias para estacionamento, agravam o problema de infraestrutura viária do local.

Nesse sentido, levando em consideração que a utilização das salas do COMDEPHACT e do IHGG, segundo informações dos funcionários do museu, é rara, primeiramente é proposto a mudança das sedes destes órgãos públicos do prédio, para a Estação Ferroviária. Com essa mudança é possível, por meio da ocupação de suas salas, a ampliação do MAP integrando-o ao MAN. Por meio dessa ampliação, o MAP terá espaço para abrigar as esculturas restantes no Centro Cultural . É proposto junto à essa ampliação a melhora da programação visual do local.

Quanto ao sistema viário, é proposto, além da destinação de mais vagas das faixas viárias ao entorno dos museus e a construção de um ponto de ônibus que demarque a Estação, a desapropriação de algum galpão ou terreno nas proximidades para ser utilizado como estacionamento do museu. Segundo o curador dos museus da Secretaria de Cultura, Carlos Bachi, este é uma questão ainda a ser resolvida pela Prefeitura Municipal: “Já entramos em contato com o Departamento de Trânsito para

descobrir uma forma de instalar um local adequado para receber os veículos de transporte. Nos preocupamos com a segurança das crianças.” (SECRETARIA..., 2011).

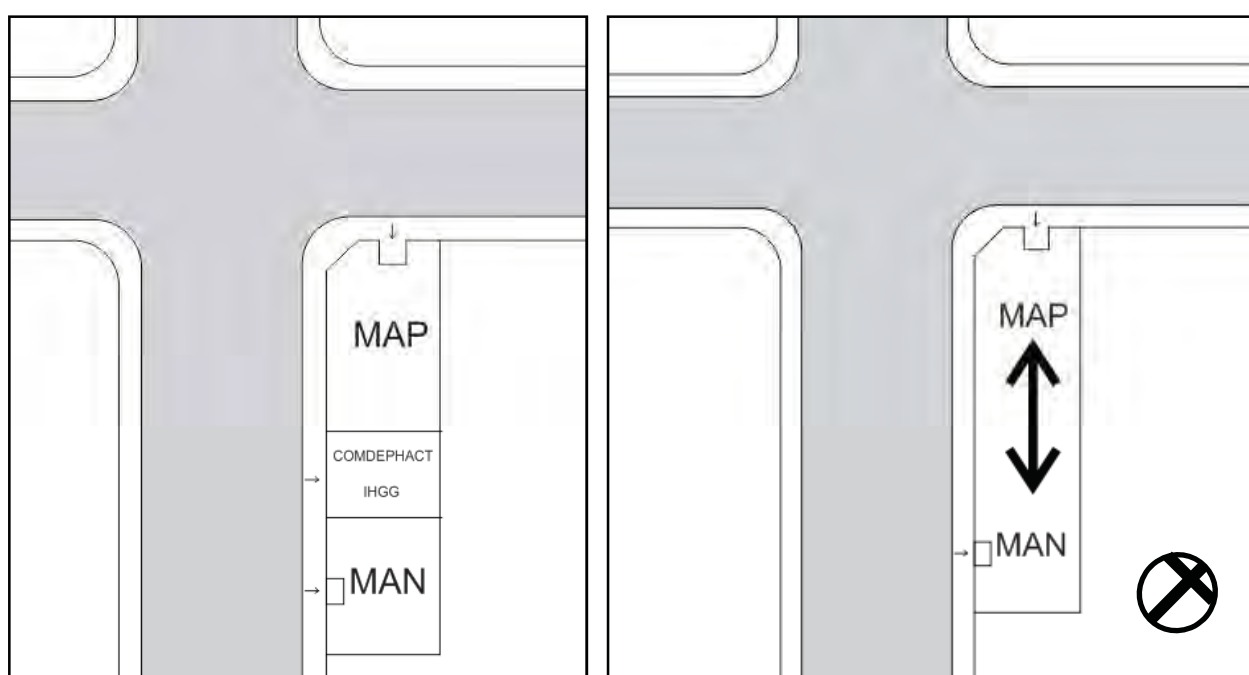


Figura 41: Proposta de integração do prédio. Fonte: Autor, 2012.

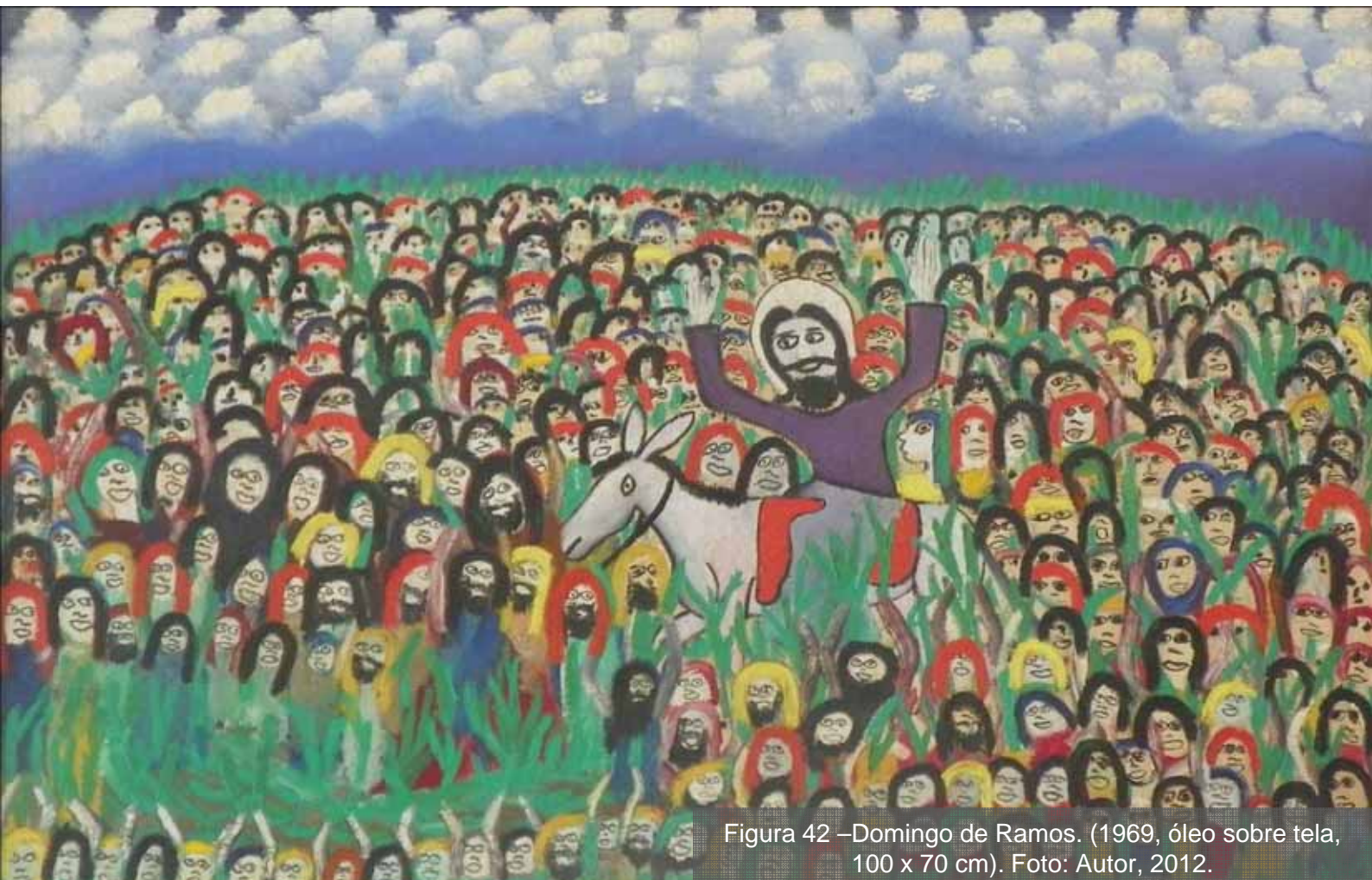


Figura 42 – Domingo de Ramos. (1969, óleo sobre tela, 100 x 70 cm). Foto: Autor, 2012.

6

## † ESTAÇÃO 6: IGREJA DA REDENTORA



Figura 43– Via Sacra exposta na Capela do Santíssimo, Igreja da Redentora. Fotos: Autor, 2012.

Nesta série, assim como em toda a obra de Silva, encontramos sua singularidade e espontaneidade em representar um tema. Ele constrói sua visão em cada temática de acordo com o conhecimento que possui. A variedade de cores expressas de maneira exagerada nas cenas é fruto de sua liberdade criativa e do descompromisso que possui em representar a realidade de maneira fiel. Outro fator comum é a presença, novamente, da paisagem agrária como pano de fundo das cenas da série, representada pelo intenso verde.

O Santuário de Nossa Senhora do Sagrado Coração, conhecido popularmente como Igreja da Redentora é o último ponto de parada do percurso. Está localizado entre as ruas Ondina (continuação da Voluntários de São Paulo) e Redentora, no bairro Vila Redentora.

A Igreja abriga em sua Capela do Santíssimo a principal série religiosa pintada por Silva entre os anos de 1969 e 1972, representando a via sacra<sup>27</sup>. De acordo com Sant'anna (1993), a série foi encomendada pelo vigário holandês Pe. Franciscus Eihelmus Hendrikus Jansen à Silva, que pintou as 14 estações tradicionais, nas dimensões 100 x 60cm, mais quatro telas: duas representando episódios anteriores à via crucis, e duas representando episódios posteriores à morte física de Cristo, nas dimensões 100 x 70cm.

“Não cobre nada. Eles me ajudaram com o material, com dois mil e oitocentos cruzeiros para tintas. Não deu. Tive que por mais hum mil e quinhentos do meu bolso. Não quis cobrar nada. Eu achei que sendo para a igreja, não deveria cobrar entendeu? É uma realização na vida do artista. Aquilo me ajudou muito. Demais!” José Antônio da Silva. (LODI, 2009).

A encomenda da série religiosa para ser exposta em uma igreja localizada em um bairro da elite, embora, à princípio, tenha representado uma projeção e reconhecimento do artista na cidade, não foi bem aceita pelas pessoas consideradas da “alta sociedade” que a frequentava, tendo em vista que os referenciais de gosto desse público eram pautados pela arte produzida por “outros pintores mais prestigiados

---

<sup>27</sup> Silva pintou a via sacra várias vezes, sendo uma delas pertencente ao acervo do MASP.

da cidade, por serem mais rotineiros e acadêmicos” (SANT’ANNA, 2003, p. 50). Devido ao descontentamento e a indiferença das pessoas, as obras foram retirada da igreja na década de 1980 e ficaram guardadas até o início dos anos 2000.

“Durante anos, como vigário, escutei muitas críticas e também muitos elogios sobre as obras expostas. Algum tempo depois, elas foram colocadas na parede posterior da igreja, porém, com exceção das crianças que sempre admiravam as telas, a comunidade ainda não ficou satisfeita. Em 1984, elas foram retiradas e caíram na obscuridade. Enquanto o mundo todo continuava a elogiar e a homenagear o Silva, nossa paróquia tinha um tesouro e não sabia.”  
Pe. Jansen. (DEMIAN, 2007, p. 7).

O reconhecimento da importância e do valor dos quadros, conforme Demien (2007), só se concretizou no início da década passada, quando foram restauradas e voltaram a ser expostas no ano de 2004.

## **O bairro da Redentora**

A construção da Igreja da Redentora está inserida no contexto das transformações urbanísticas realizada na década de 1950. Com projeto do arquiteto Jan Overdyk, sua construção teve início ano de 1957 sob o comando do Pe. Santo Marini<sup>28</sup>, sendo concluída e inaugurada no ano de 1968.

Localizada na nobre e tradicional Vila Redentora, a Igreja da Redentora presenciou a transformação de um bairro residencial para comercial e de serviço nas

---

<sup>28</sup> Conhecido em São José do Rio Preto como “o padre construtor”, o Pe. Santo Marini foi o mesmo que se responsabilizou pela demolição da Catedral na década de 1970, para a construção da atual.

últimas décadas. Situado em uma das regiões mais valorizadas cidade, próximo ao centro, o bairro surgiu na década de 1920, após o loteamento da fazenda pertencente à Victor Britto Bastos, prefeito da cidade na época.

Conforme Vila (2006), a proximidade e o fácil acesso do bairro em relação ao centro fez com o bairro fosse se valorizando e atraindo famílias nobres, que construíam suas imponentes residências, dando origem a um bairro tradicionalmente residencial. Na medida em que crescia, o bairro incorporava novas glebas, muitas das quais feitas mediante doações de grandes proprietários de terras da cidade:

Na época em que o bairro começava a ser estruturado, era comum que os proprietários das terras fizessem doações. O terreno localizado nos arredores da Beneficência Portuguesa, por exemplo, foi doado por Ondina, filha do ex-prefeito [Victor Britto Bastos], para que os padres redentoristas construíssem sua igreja. (VILA, 2006).

No início da década de 1950, conforme Vila (2006), já dotado de toda infraestrutura urbana, época na qual a maioria das ruas eram asfaltadas, o bairro já consolidava como um dos melhores lugares para se morar na cidade.

Após a década de 1960, conforme Francisco (2007), a intensificação das ações do mercado imobiliário definia a região sudoeste como o eixo de valorização na cidade. Dessa forma, nas décadas seguintes, a expansão das atividades comerciais e de serviços da região central para esse vetor de desenvolvimento econômico, começava a transformar o tipo de uso predominante do bairro da Redentora, que passou a concentrar tais atividades, destinadas, principalmente, à classe alta riopretense.



- Av. Alberto Andaló
- Rod. Washington Luís
- Via Silva
- Igreja da Redentora

Mapa 14: Localização do bairro Vila Redentora.  
Fonte: Autor, 2012.

## Propostas e Diretrizes

A proposta de intervenção neste ponto do percurso inclui a construção de um ponto de ônibus que demarque esta Estação. Para isto, é proposto como diretriz a destinação das vagas da faixa viária da quadra da igreja pertencente à rua Ondina para a parada do ônibus e para estacionamento dos visitantes da capela;

Também é proposto, para melhorar o acesso e a programação visual, com a retirada das grades laterais à capela onde estão expostos os quadros e a adição de elementos em madeira com a mesma tipologia da MEDIATECA, com o objetivo de conferir uma maior unidade da capela em relação ao percurso.

## REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Abílio M. de. **Territorialidade e plano diretor em São José Do Rio Preto**. 2004. 275 f. Dissertação (Mestrado em Geografia urbana) – Instituto de Geociências e Ciências Exatas – Universidade Estadual Paulista, Rio Claro.

CÂNDIDO, Antonio. **Os parceiros do Rio Bonito**: estudo sobre o caipira paulista e a transformação dos seus meios de vida. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1964. 239p. (Coleção Documentos Brasileiros).

CORREA, Marival. Vila Maceno, o 'lar' do Cristo. **Diário da Região**, São José do Rio Preto, 2007. Disponível em: <<http://www.diarioweb.com.br/noticias/imp.asp?id=90857>> Acesso em: 17 mai. 2012.

CURY, Antônio. O Padre construtor. Disponível em: <<http://www.toninhocury.com.br/documento/paginas?local=3&id=48>> Acesso em: 30 mai 2012.

DEMIAN, Cecilia. Igreja ganha novo altar. **Diário da Região**, São José do Rio Preto, 14 jan. 2007. Caderno Cidades, p. 8.

\_\_\_\_\_. Rio Preto vista do céu. **Diário da Região**, São José do Rio Preto, 22 mar. 2009. Disponível em: <[http://www.diarioweb.com.br/noticias/corpo\\_noticia.asp?idCategoria=218&idNoticia=119675](http://www.diarioweb.com.br/noticias/corpo_noticia.asp?idCategoria=218&idNoticia=119675)> Acesso em: 25 mai 2012.

DIÁRIO da Região. Apresenta informações sobre a transferência do acervo de José Antônio da Silva. Disponível em: <<http://www.diarioweb.com.br/fmdiario/Noticias/Eventos+Shows/62314,,Secretaria+de+Cultura+vai+transferir+acervo+do+pintor+Silva.aspx>> Acesso em 25 mai. 2012.

\_\_\_\_\_. Apresenta informações sobre o antigo prédio do Tiro de Guerra de São José do Rio Preto, 2007. Disponível em: <[http://www.diarioweb.com.br/noticias/corpo\\_noticia.asp?IdCategoria=208&IdNoticia=99011](http://www.diarioweb.com.br/noticias/corpo_noticia.asp?IdCategoria=208&IdNoticia=99011)> Acesso em: 15 jun 2012.

ESTAÇÕES ferroviárias do Brasil. São José do Rio Preto, 2012. Disponível em: <<http://www.estacoesferroviarias.com.br/s/sjriopreto.htm>> Acesso em: 22 jun 2012.

ESCRITOR DA ARTE. Disponível em: <<http://www.escriitoridearte.com/detalharQuadro.asp?quadro=4809>>. Acesso em: 30 mai 2012.

FRANCISCO, Arlete Maria. **Arquitetura e Cidade**: habitação vertical em São José do Rio Preto-SP. 2007. Tese (Doutorado em Arquitetura) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007. 227 f.

KFOURI, Jamil José. **Parque de Fundo de vale de São José do Rio Preto-SP**. Monografia (especialização em paisagismo) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1980.

LOBATO, J. B. Monteiro. **Urupês**. São Paulo: Brasiliense, 1962. 300p.

LODI, Nilce. Silva: da roça para o mundo. **Diário da Região**, São José do Rio Preto, 8 mar. 2009. Disponível em: <<http://www.diarioweb.com.br/noticias/imp.asp?id=119333>>. Acesso em: 25 mai 2012.

OLIVEIRA, Lucia Lippi. Do *caipira picando* fumo a Chitãozinho e Xororó, ou da roça ao rodeio. **REVISTA USP**, São Paulo, n.59, p. 232-257, setembro/novembro 2003.

PAGANELLI, Jocelito. Reforma de estações custa R\$ 1 milhão além do previsto. Diário da Região. Disponível em: <[http://www.diarioweb.com.br/novoportal/Noticias/Politica/98841,,Ref+orma+de+estacoes+custa+R\\$+1+milhao+alem+do+previsto.aspx](http://www.diarioweb.com.br/novoportal/Noticias/Politica/98841,,Ref+orma+de+estacoes+custa+R$+1+milhao+alem+do+previsto.aspx)> Acesso em: 20 jun 2012.

PIMENTA, Max. O segredo da praça “Jornalista Leonardo Gomes”. Instituto Histórico, Geográfico e Genealógico, São José do Rio Preto, 10 mai 2011. Disponível em: <[http://ihggsjrp.blogspot.com.br/p/casos-e-causos\\_09.html](http://ihggsjrp.blogspot.com.br/p/casos-e-causos_09.html)> Acesso em: 22 mai 2012.

PINTURA BRASILEIRA. Disponível em:<[http://www.pinturabrasileira.com/artistas\\_bio.asp?cod=84&in=1](http://www.pinturabrasileira.com/artistas_bio.asp?cod=84&in=1)>. Acesso em: 28 mai 2012.

PREFEITURA Municipal de São José do Rio Preto. Disponível em: <<http://www.riopreto.sp.gov.br/PortalGOV/cache/home.html>>.

\_\_\_\_\_ Apresenta informações sobre a Biblioteca Pública Municipal. Disponível em: <[http://www.riopreto.sp.gov.br/PortalGOV/d+o/subportais\\_Show?c=67017](http://www.riopreto.sp.gov.br/PortalGOV/d+o/subportais_Show?c=67017)> Acesso em: 20 mai 2012.

Quem não conhece o Silva?, filme em 16 mm, 12 minutos, direção de Carlos Augusto Calil, produção Fitas Brasileiras Produções Culturais Ltda., distribuição Embrafilme, Rio de Janeiro, 1978.

RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro**: a formação e o sentido do Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

SANT'ANNA, Romildo. **Silva: quadros e livros**: um artista caipira. São Paulo: Ed. da UNESP, 1993.

SECRETARIA da Cultura vai transferir acervo do pintor Silva. Diário da Região, São José do Rio Preto, 29 mai. 2011. Disponível em: <<http://www.diarioweb.com.br/fmdiario/Noticias/Eventos+Shows/62314,,Secretaria+de+Cultura+vai+transferir+acervo+do+pintor+Silva.aspx>>

SILVA, José Antônio da. **Romance de minha vida**. São Paulo: Museu de arte moderna, 1949.

TEODÓZIO, Delcimar Marques. **Do sertão à cidade**: Planejamento urbano em São José do Rio Preto: dos anos 50 aos 2000. 2008. Tese (Doutorado – Programa de Pós – Graduação em Arquitetura e Urbanismo e Área de Concentração em Teoria e História da Arquitetura e Urbanismo) – Escola de Engenharia de São Carlos, Universidade de São Paulo, São Carlos.

VILA Redentora: uma história com muito estilo. **Revista Villa**. São José do Rio Preto, n.1, p. 10-12, jul. 2006.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Auto retrato. (1972, óleo sobre tela, 70x50cm).....	3
Figura 2 – José Antônio da Silva.....	4
Figura 3 – Retrato de meu pai. (1976, óleo sobre tela, 80x150,MAP).....	6
Figura 4 – Mapa da cidade de São José do Rio Preto que ilustra o Planejamento de Eiras Garcia de 1956.....	14
Figura 5 – Estações do percurso.....	21
Figura 6 – Cristo da Maceno. (1971, óleo sobre tela,100x70cm, MAP).....	23
Figura 7 – Cristo redentor de São José do Preto.....	24
Figura 8 – Encontros na Praça Ugolino Ugolini.....	29
Figura 9 – Casa-Museu, 1952.....	30
Figura 10 – Local onde antes se localizava a Casa-Museu.....	30
Figura 11 Proposta de instalação de um ponto de ônibus no Cristo.....	32
Figura 12 – Vista do Cristo para o percurso Via Silva.....	33
Figura 13– Primeira Queimada (1967, óleo sobre tela, 100 x 60 cm, MAP) .....	35

Figura 14– Imagem de satélite do terreno.....	38
Figura 15 – Terreno.....	39
Figura16 – Coleção História de S. J. do Rio Preto.....	45
Figura 17 – Estudo de volumetria de acordo com o índice urbanísticos máximos permitidos.....	49
Figura18 –Desenvolvimento do Projeto.....	51
Figura 19 –Detalhamento da trama.....	52
Figura 20 – Midiateca José Antônio da Silva – Acesso.....	53
Figura 21 – Vista superior.....	54
Figura 22 – Vista fachada sul.....	54
Figura 23 – Fachada fachada norte.....	54
Figura 24 – Chegada do primeiro trem. (1967, óleo sobre tela, 100 x 60 cm, MAP).....	55
Figura 25: Estação Ferroviária em 1927, 1952 e 2012.....	58
Figura 26: Maquete da Praça Cívica, 1975.....	60
Figura 27: Projeto da Praça Cívica, 1977.....	61
Figura 28: Centro Cultural Prof. Daud Jorge Simão.....	61

Figura 29 – Catedral de Rio Preto. (1967, óleo sobre tela, 100 x 60 cm, MAP).....	63
Figura 30 – Primeira capela.....	64
Figura 31 – Catedral em 1928.....	64
Figura 32 – Catedral em 1950.....	64
Figura 33 – Projeto da nova Catedral, 1973.....	64
Figura 34 – Catedral atualmente, 2010.....	64
Figura 35 – Primeira derrubada. (1967, óleo sobre tela, 100 x 60 cm, MAP).....	68
Figura 36: Interior do Museu Municipal de Arte Contemporânea da década de 1970....	71
Figura 37: Vista externa e interna do MAN.....	73
Figura 38: Vista externa e vistas internas do MAP.....	74
Figura 39: Prédio do Tiro de Guerra na década de 1940.....	75
Figura 40: Vista do prédio, atualmente.....	75
Figura 41: Proposta de integração do prédio.....	77
Figura 42 –Domingo de Ramos.....	78
Figura 43– Via Sacra exposta na Capela do Santíssimo, Igreja da Redentora.....	79

## LISTA DE MAPAS

Mapa 1 - Cidade de São José do Rio Preto.....	11
Mapa 2 - Localização do eixo Via Silva.....	17
Mapa 3 - Via Silva.....	18
Mapa 4 - Via Silva.....	21
Mapa 5 - Percurso Via Silva.....	22
Mapa 6 - Vila Maceno.....	30
Mapa 7 – Linhas de ônibus do Terminal Urbano ao Cristo.....	34
Mapa 11 - Uso e ocupação do solo.....	50
Mapa 12 - Gabaritos da edificações.....	50
Mapa 13 - Percurso do trem caipira.....	62
Mapa 14 - Localização do bairro Vila Redentora.....	83

## **LISTA DE SIGLAS**

ALL – America Latina Logística

COMDEPHACT - Conselho Municipal de Defesa do Patrimônio Histórico, Artístico, Cultural e Turístico.

EFA - Estrada de Ferro Araraquarense

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IHGG – Instituto Histórico, Geográfico e Genealógico de São José do Rio Preto .

MAN – Museu de Arte Naïf

MAP – Museu de Arte Primitivista José Antônio da Silva

MASP – Museu de Arte de São Paulo